PARA TODOS...
ANNO XIII — NUM. 660
Rio de Janeiro, 8
de Agosto de 1931
PREÇO: 1$000

AS TINTAS PARA CABELOS E ALGUNS CONSELHOS POR A. DORET

Raras são as tintas para cabelos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inofensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabelo a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, reseca o cabelo, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessoa que a emprega, dá á fisionomia um ar sevéro e triste ao mesmo tempo.

Trinta anos de experiencia, de estudos, de aplicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa, de cabeleireiro, em qualquer país que fôsse, quer na Europa ou na America, atingiu o gráu de perfeição ao da casa Doret, tenho no méu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que atestariam a superioridade de meus metodos de tingir os cabelos, garantindo a inócuidade absoluta de meus produtos. A's pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento, ás pessoas longe do Rio de Janeiro, recomendo nunca tingirem os cabelos de preto; é melhor acastanha-los que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais higienico.

Recomendo a todos o fluído Doret para acastanhar ou alourar o cabelo, este produto é dez vezes menos forte que a agua oxfrenada, não queima os cabelos e é um excelente desinfétante.

Para recoloração do cabelo empregai o meu Henné pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de aplicação, para o bronzeado ½ hora, para acajou escuro, uma hora e meia.

As pessoas que quererem escurecer os cabelos para castanho escuro dévem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom exito.

A Casa A. Doret recomenda suas manicures, seus produtos incomparaveis para a beleza da pele e cabelos seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabeleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas. Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beaute.

A. DORET cabeleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telefone 2-2431 — Rio de Janeiro

O nome MI-A-MI e a sua significativa expressão...

O nome é tudo.

Desde o homem ao mais insignificante animalejo elle tem um poder irresistivel e, embora o seu convencionalismo, ninguem discute os effeitos de um bonito, bom, mau, apropriado ou sem nenhuma particularidade especial.

Por isso, quando se trata de lançar um producto, a questão do nome é bem mais difficil do que o que se destina a um filho ou a qualquer ente querido.

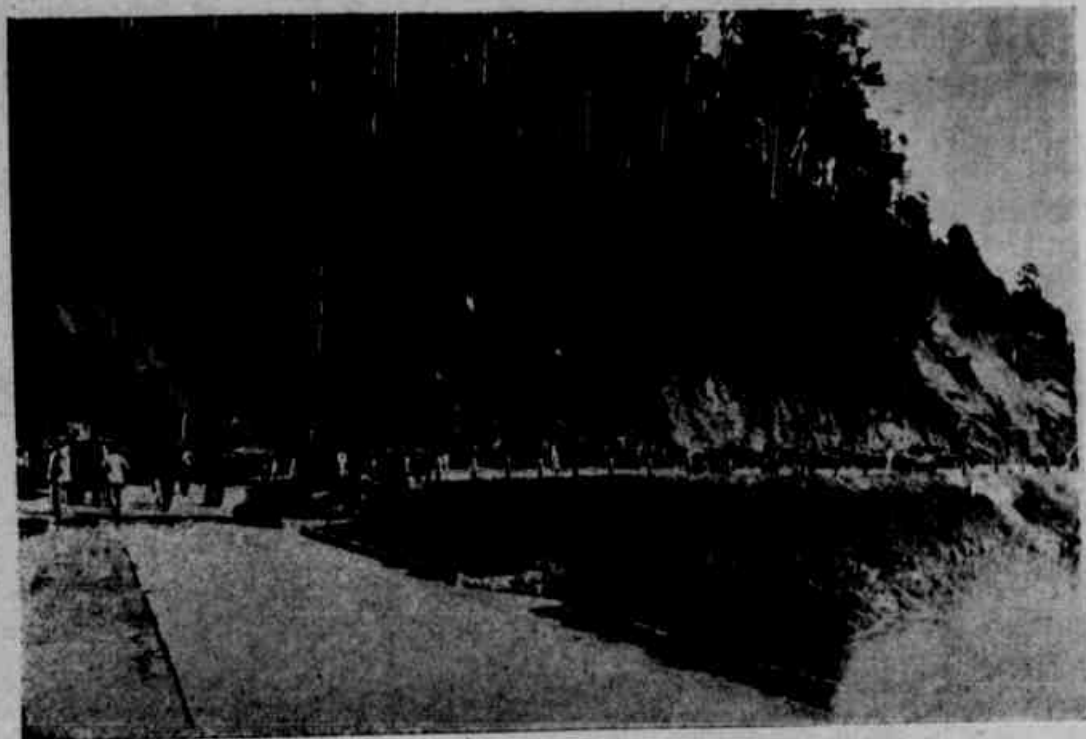
Dentro delle, como de um escrinio inviolavel, chegaram até nós as mumias egypcias dos Pharaós, os heróes mais famosos bem como os santos, os illuminados e as mulheres seductoras que embriagavam mais do que o vinho e matavam mais do que o curáre e a cicuta.

Quando se cogita então, de uma mulher coquette, cheia dessa graça a que os americanos chamam *it* e o francez traduz deliciosamente em "charme", ou de um artigo para seu uso, tanto mais difficil encontrar uma expressão feliz que diga tudo numa unica palavra.

Por isso, os nomes dos perfumes como dos productos de belleza ou de todos quantos a arte creou para delicia de Eva, são escolhidos com especial carinho.

Está neste caso o nome MI-A-MI, palavra symbolica de amor que quer dizer na lingua musical de D'Annunzio, **ama-me** e que, pela sua propriedade natural, se enquadrou admiravelmente para designar a marca dos mais attrahentes e reputados artigos da nossa perfumaria.

Guarde, pois, este nome com o amor que elle merece e de que se acha saturado, porquanto representa o maior esforço até hoje tentado em nossa terra, afim de libertal-a daquillo que para as mulheres constitue, conjunctamente com as joias, o divino alimento de sua seducção e de seu encanto.

A Excursão da Caloric a Petropolis

A caravana na Estrada

Grupo tirado na Independencia

A União Beneficente dos Chauffeurs do Rio de Janeiro, por sua diretoria e a União dos Garagistas, representada pelo engenheiro Matheus de Souza Mendes, seu vice-presidente e cêrca de cem comerciantes do ramo foram a Petropolis, a convite da The Caloric Company, almoçar na Independencia.

A excursão tinha por fim fazer-se uma experiencia da gazolina que a Caloric vem expondo á venda, com a qual foram cheios os tanques dos automoveis que transportaram os excursionistas, em número de quarenta. Foi um passeio magnifico, que transcorreu no meio da maior cordialidade possivel, regressando os excursionistas já á noite ao Rio de Janeiro.

W. Cosmelli, cercado dos presidentes da União Beneficente dos Chauffeurs e da União dos Garagistas.

Na gravura que ilustra esta nota vê-se a extensa caravana, em um momento de descanso, ao subir a serra, o grupo dos convidados no Restaurante da Independencia e outro grupo em que figura o Sr. W. Cosmelli, gerente de vendas da Caloric no Rio, ladeado pelos srs., presidente da União Beneficente dos Chaufeurs e Matheus de Souza Mendes, presidente da União dos Garagistas.

Concurso de Contos do PARA TODOS...

O Concurso de Contos do "Para todos..." será encerrado no dia 29 do corrente definitivamente. Depois dessa data não mais receberemos qualquer original.

A BAÍA QUE RENASCE

Como o Prefeito Pimenta da Cunha tem administrado a velha capital baíana

1 — O Prefeito Pimenta da Cunha lendo o seu brilhante discurso. 2 — Após a inauguração das novas instalações da Diretoria de Contabilidade da Prefeitura da Baía: O Interventor Arthur Neiva, o Prefeito Pimenta da Cunha, o Chefe de Policia Cap. Euripedes Lima e outras autoridades.

Realizou-se, ás dez horas de hontem, na Prefeitura Municipal, a inauguração dos melhoramentos que ha feito alí o atual governo da cidade.

A' hora acima, chegava áquêle edificio, onde já se encontrava grande número de pessoas gradas, jornalistas e demais assistentes, o Exmo. Sr. Interventor Federal, Dr. Arthur Neiva, acompanhado do Dr. Arthur Heil Neiva, e do Tenente Oscar José de Sá, respectivamente Chefe da Casa Civil e Ajudante de Ordens de S. Ex.; do Dr. Bernardino de Souza, Secretário do Interior; Capitão Euripedes Lima, Secretário da Policia, sendo-lhes prestadas por uma Companhia do Corpo de Bombeiros as continencias de estilo.

Recebidos á entrada pelo Prefeito Dr. Pimenta da Cunha, Dr. Thyrso Paiva, Dr. Moreira Fischer e demais funcionarios do municipio SS. EEx. demoraram-se percorrendo as novas dependencias restauradas, levando de tudo a melhor das impressões.

Inaugurando os novos departamentos, falou o Dr. Pimenta da Cunha, para cujo discurso, que é uma síntese de sua administração na gerencia dos negócios da comuna, abrimos espaços:

Exmo. Sr. Interventor Federal.

Ha cinco meses, ao me empossar no cargo de Prefeito dêste Municipio, tive ocasião de dizer, em conceito que importava num programa: — "De S. Paulo atendeu V. Ex., como baiano e patriota, ao apelo de servir á sua terra natal, berço seu e dos seus, em momento tão dificil. Não dirá, aqui chegando, que o seu nobre exemplo não foi imitado por um outro, aqui tambem nascido, em berço igualmente de seus pais".

E, desde aquêle momento alistei-me qual "mais um operario, modesto porém resoluto, a carregar a sua pedra para a obra prometida de restauração da Baía, terra nossa tão querida".

Cumpri, naquela época, o dever de, citando cifras informar ser: "a situação mais grave do que á primeira vista se apresenta e, na falencia que assim se depara á nossa velha e querida cidade, os seus municipes, Sr. Interventor, esperam a atenção carinhosa de V. Ex.".

Quanto a mim, desde então, considerei o titulo de "prefeito" um eufemismo do de "síndico". E, ao cuidar da massa falida, no trato feliz com V. Ex., ouço sempre estas palavras de nobre animação: — "Trabalhemos pela Baía... Nada resiste ao trabalho!..."

E a trabalhar tenho estado, desde então, quanto posso...

Senhores Municipes.

Eu vos disse, no dia de minha posse, que: "já vos acostumastes a considerar insoluvel o problema do Municipio desta cidade. E' que, em vossa sabedoria, talvez tenhais percebido, nas coisas da Prefeitura e nas suas relações com as do Estado, que nos deslocámos e debatemos nos mesmos paradoxos e circulos viciosos, aludidos nos "**Problemas nacionais**", e tambem no "esfarrapado", que tem de vir em socorro do "rôto", igualmente alí referido... Se as necessidades públicas crescem, em desproporção á sua renda qual o modo de sair dêste circulo vicioso, por processo comum, imediato, como a nossa ansiedade deseja, para solução dos seus problemas?... Como deixar estes paradoxos?... Como viver o "esfarrapado" sem o concurso do "rôto"?!...

Impossivel se me afigurou o aumento de impostos, mas, pareceram-me exequiveis uma melhor arrecadação e a efetivação de velhos tributos não cobrados.

E' o que tenho feito por um lado, ao tempo em que tambem já reduzi de 10% os impostos industriais e profissões; já concedi, várias vezes, bonificações e dispensas de multas para outros impostos e interrompi até, durante prazo razoavel, certos impostos e taxas, rebaixando-os depois á metade, durante 60 dias.

Não demiti funcionarios; não admiti afeiçoados.

Só Deus sabe, entretanto, quanto me tem custado resistir á solicitação de empregos numa época de tamanhas vicissitudes! Nêste particular, quantas suplicas justas e quantas aflições sinceras tenho compungidamente escutado e ainda mais dolorosamente desatendido?!...

E' que eu sei avaliar, Srs. Municipes, quanto vos custam tambem, no momento atual, as contribuições que trazeis aos cofres desta Casa!...

Prestando-vos contas, nesta Secção de Contabilidade, direi que o vosso dinheiro vos está sendo restituido, moeda a moeda, em beneficios á Cidade, contando-se hoje 110 obras em andamento e conclusão.

Com os vossos recursos já paguei: — aos credores de obras realizadas 2.150.458$000, sendo do exercicio passado — 1.449:724$000, do exercicio atual — 700:734$000, ao professorado em atraso — 622:257$000, á Santa Casa de Misericordia, Montepio e outras instituições pias e de caridade — 240:832$000, ao Estado — 200:000$000.

Resgatei ainda: — de apolices e outros titulos de divida interna — .... 489:248$000 e saques igualmente vencidos, 212:161$000.

Ao funcionalismo público, aos diaristas, bombeiros, limpeza publica, jardineiros, magarefes, etc., pagos absolutamente em dia, uns mensalmente, outros quinzenalmente — .... 3.395:165$721.

Ao todo, em resumo, no periodo de cinco meses, já paguei 7.310:121$721.

Com as vossas contribuições, cuja rigorosa e exata aplicação está ao vosso exame e aos vossos olhos: — já inaugurei, em 29 do mês passado, varios melhoramentos no quartel do Corpo de Bombeiros, além de enco-

mendas de materiais ao estrangeiro feitas e pagas antecipadamente; — já realizei consideraveis benfeitorias n Matadouro do Retiro, do que resultou já estar a firma Amado Bahia & Cia., a maior abastecedora de carne verde, abatendo gado ali para melhor consumo da cidade, coisa que, ha mais de 35 anos, fazia em outro municipio; — já efetuei os trabalhos necessarios para que a Diretoria de Obras Municipais, em breves dias, possa funcionar em casa propria, pois ha cêrca de 2 anos está em casa de emprestimo, por gentileza extrema da Santa Casa de Misericordia; — já obtive poder inaugurar, por estes dias, vários e importantes melhoramentos no Asylo de Mendicidade, inclusive um novo pavilhão, com 64 leitos; — já consegui a melhoria da iluminação pública, a sua disseminação, na sua intensidade e na certeza; — já o serviço de viação inspira mais confiança ao publico, nas atenções que lhe deve; — já o asseio das ruas e praças da cidade é um fato nunca presenciado igual, no mais evidente desmentido á fama que nos depreciava.

Tambem sei, Srs. Municipes, que o alcançado até agora é quasi nada, deante do muito que é ainda preciso fazer.

De referencia ao que hoje aqui se inaugura, devo dizer-vos que quasi tudo é restauração.

Desde os ladrilhos de marmore na entrada, de ha muito empilhados na garage dos Dendezeiros, até os tacos de madeira dêste salão, aqui amontoados ha cêrca de três anos, tudo já existia, espalhado, desordenado, em vários cantos e recantos. Até este material metalico, hoje alinhado e reluzente, estava arrebentado, torcido, desfalcado e todo êle, pela presunção de inutil, destinado a ser jogado fóra.

Restaurámo-lo.

Srs. Funcionarios Municipais.

Que vos sirva o exemplo, Srs. funcionarios desta Casa, e principalmente desta Secção de Contabilidade.

No momento atual, de dificuldades financeiras, um contador, á frente da Comuna, seria talvez mais apropriado que um engenheiro, como eu sou.

Mas, enquanto assim não fôr, eu como modesto operario desta restauração em que tanto se empenha o governo da Baía, cumpro o dever de, alojando-vos melhor em vossos postos, transmitir aquela senha:

"Trabalhemos pela Baía... Nada resiste ao trabalho".

E, finalmente: — Peço-vos licença para repetir as palavras que vos disse em 18 de Fevereiro: — Assim procedendo, estamos dignificando a nós mesmos.

Após cessarem as palmas que acolheram as ultimas palavras do governador da Cidade, falaram, em nome de seus colegas, os Srs. Hermilo Bernardes e Pedro Perroni Filho, que foram bastante aplaudidos.

Por fim, o Dr. Arthur Neiva pronunciou, entre aplausos, feliz improviso, concitando todos os baianos para a obra da reconstrução da Baía, que precisa, diz S. Ex., sem se olvidar de seu passado, garantir o futuro, consolidando o presente.

Em seguida S. Ex. se refere ao quanto ha feito pelo nosso municipio e do muito que os seus habitantes ainda esperam de sua atuação eficiente e proveitosa, o Dr. Pimenta da Cunha.

Após ser servido Champagne aos presentes, o Dr. Arthur Neiva e sua comitiva deixaram, com as solenidade da entrada, o edificio da Prefeitura Municipal.

(Transcrito do *Diario Oficial* de São Salvador).

Dialogo na chuva

— Perdão, gentil Senhorita...
Quer que da chuva a defenda?
De "toilette" tão bonita
Vae desbotar a fazenda!

— De acceitar eu não me privo
Sua offerta, Cavalheiro,
Mas ouça, por tal motivo
Não me impressiona o aguaceiro.

Pode chover toda a vida
Que a côr, firme, se mantém:
Esta fazenda é tingida
Com corantes "Indanthren".

Para que a leitora possa dizer o mesmo que a Senhorita da historia, tenha sempre o cuidado, ao comprar tecidos de algodão, linho ou seda vegetal de verificar se elles trazem a etiqueta de garantia de que foram tingidos com corantes

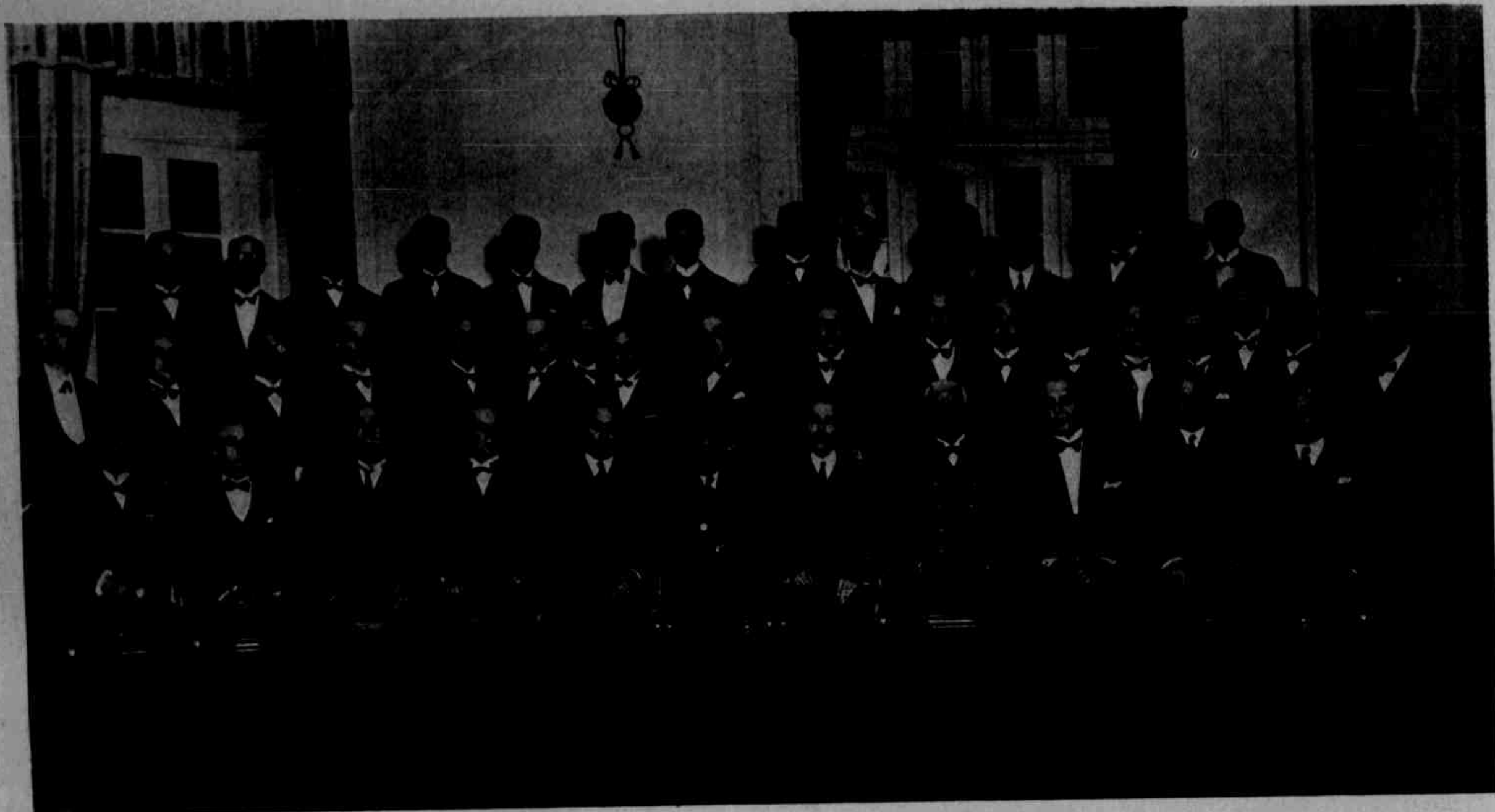
INDANTHREN

"PARA TODOS"...

Rio

8 — VIII — 1931

Banquete ao Ministro Assis Brasil

Sabado da outra semana, no salão Renascença do Casino Beira-Mar os amigos do senhor Assis Brasil reuniram-se em torno dêle, para prestar-lhe uma homenagem devida pela ação que S. Ex. tem exercido nos ultimos tempos como chefe de um grande partido do Rio Grande do Sul. O coronel Gregorio da Fonseca representou o Chefe do Governo e todos os ministros estiveram presentes.

No Club Naval antes do jantar de despedida ao Commandante Cascardo, Interventor Federal no Estado do Rio Grande do Norte.

Reunião no Centro Maranhense

Em baixo:

academicos de direito e de medicina que formaram a commissão central e organizadora da homenagem prestada ao Ministro Assis Brasil, que está ao centro do grupo.

O Dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, com os jornalistas que lhe offereceram um almôço no dia do seu aniversario. Em baixo: o ministro do Trabalho falando na União dos Empregados no Comércio.

A VITRINA DO POETA DA GAROA

QUE maravilha! exclamaste. E como foste injusta contigo mesma. O gesto, contudo era muito de mulher, e imensamente teu. — Que maravilha! repetiste. E a vitrina, radiantemente iluminada, fascinava-te, faiscando em ouropéis e pedrarias. Sob a luz fortissima, por sôbre a belbutina e o veludo das montras, lavrara, intensamente, um incendio gelado. Gelado, devera-o ser, mas ofuscava e prendia. Nós nos prendemos ambos.

Havia crachás encrustados de turmalinas e grão-mogóes; bichas serpeavam no dorso verde da pelucia; pingentes, berloques e ciganas, tinham equimoses de sardonicas e feridas sangrentas de carbunculos; diamantes do Transwaal abriam resteas de luz no dorso de pulseiras e acendiam facilhações no abraço de collares. Em meio ao deboche, como as serpentes no templo da Pythonisa, dormiam, estendidos no veludo, trancelins, solitarias e correntes; arrieis gritavam a saudade de orelhas róseas de boêmias e andalusas; cintilavam aneis, com salpicos de prasios, brincos, em florescencias cristalinas de girascis; broches, com nesgas de céu de safiras; alfinetes, com hemoptises trêmulas de escravonetas; arrécadas, com arrebóis de crisoberil; argolões, cheios de vaidades de olivinas; gargantilhas, com pesadelos de onix, e sonhos policromicos de berílos. Entre as facetas de mil côres, brilhava o ouro dos adereços de todas as ligas e quilates. Aqui, uma crisólita repousava no aureo trono de um alamar; além, escravizado a uma barra de prata, um grená da Syria tinha desesperos e silêncios de chama. Aguas-marinhas, peridótes, crisofasos, hiacintos pompeavam. E das amazonas da Siberia, dos topazios da Hespanha, das turquezas da Persia, de todas as gemas e de todos os prismas, subia, sem que se ouvisse, uma gargalhada em chispas coloridas.

Pedras preciosas, pedras finas, pedras falsas — todas as classes sociais do lapidario, niveladas e confundidas no mesmo anseio humano da ostentação e do brilho.

O espetaculo não pedia filosofias; despertava desejos e cobiças.

Eu, porém, filosofei enquanto cobiçaste. Aqui, minha joia, has de me perdoar que te não houvesse acompanhado. Disse joia, e mal; deveria ter dito escrinio.

Se Pygmalião vivesse, reconheceria em ti a renovação do milagre de Galathéa, e eu morreria de ciumes porque teria um rival no artista grego.

Em ti, desmaiam ametistas nas olheiras; o mais puro alabastro encurva as espaduas: os braços não foram talhados, que ninguem os talha: nos pulsos, empregou-se, decerto, a calcedonia côr de leite, betada de ramos azues. As orelhas foram cinzeladas, talvez, de heliotropio salmilhado a rosa. Nem tu negarás que são agata finissima as tuas unhas, e que ha muito marfim nos teus dedos.

Para que aneis, vaidosa? se os tens infinitos na ondulação do cabelo, cujos fios são filigranas de crisoberil, preparados por um rendilhario paciente do celeste imperio? Ha mais sol nos teus cabelos que cintilas no diadema de Semiramis. E' de jaspe a tua fronte, — e pensa; são de opala tuas faces, — e córam; de Paros é teu peito, — e ama; de nácar tua boca, — e beija. Enganei-me, não é de nácar; — teus labios são dous mimos de coralinas lavrados a esmeril, e humedecidos para a fascinação do teu sorriso, que desafia a Cleopatra, no odio ás perolas.

Todas as pedras se imitam e falsificam. Ebelmen e Deville jamais poderiam imitar teu olhar, ou teu riso.

Teu olhar... Muda de côr como a esmeralda nagua. A' noite, ao luar, parecem teus olhos — e não os havia iguais no tesouro de Mithridates — teus olhos parecem hidrófanas, ou besoardos: tudo que encerra prestigio e brilha. Sei, entretanto, que êles são duas aventurinas soberbas, contendo palhetas amarelas, douradas e verdes. Se algum dia me enganares, êles tornar-se-ão negros, como os berilos de Inachus nas mãos dos que mentiam.

E tua epiderme de alambre? e teu cólo, de Carrara? e teus seios? ansias de marmore, onde sangram, volupia dous rubis. Não te desnudo; — adivinho-te. E trago fechados os meus olhos para evitar o sacrilegio. Se pudessemos separar tantas riquezas, em que se não percebe o trabalho de incarna do escultor e do ourives, causarias a falencia de Golconda e o desespero de Visapur.

Dioscorido conta-nos a fatal influencia das pedras sôbre os homens. Esta é a razão por que tanto sofro aos teus encantos. Hei de encontrar, um dia, a sicione do Araxe, que dêles me preserve.

Quem ousaria colocar, rente aos joelhos de Aphrodita, de Esquilino, as riquissimas jarreteiras da mulher de Caligula? Só de um barbaro partiria o gesto, que manchasse com as armilas de Lottia Paulina o sagrado braço de Venus Athenéa. Stratz, o legislador da beleza moderna, e que lhe ditou os canones da suma perfeição, Stratz empalideceria, num escandalo de Religião e de Arte, se lhe eu contara que adornas de adereços o teu corpo de estátua.

Não, querida, as estátuas não se adornam.

Mas o demonio, que não abandona jamais as mulheres, ajuntou por teus labios num sorriso, de onde as palavras vieram até mim como pedras:

— O quê? mas tudo isso, meu poeta, porque não me podes dar a barra de prata fosca? Será possivel?

EPICTETO FONTES
S. PAULO

LA ARGENTINA

Dansarina do nosso tempo. Mulher de hoje. Ela esteve nos Estados Unidos. New York quis ficar com La Argentina. Mas La Argentina voltou para Paris e, no Théâtre des Champs Elysées, já mostrou as suas novas creações com um sucesso enorme. — (Photo Steinchen).

VENTURA ALHEIA

POR HERMAN LIMA

AS duas casas ficavam a pouca distancia uma da outra, separadas apenas por uma cerca de paus-a-pique e um "capão" cerrado de paus-brancos e mofumbos cheios de perfume, enfrouxelados de arminho e de ouro no inverno, garranchentos e negros quando o estio chegava.

Vizinhos havia anos sem conta, os dois filhos do velho Marcellino foram sempre muito amigos da Isabel, a filha de "sinhá" Felipa. Orfãos de mãe, muito novos ainda, os rapazes cresceram desiguais em tudo. Justino, o mais velho, era um cabloco airoso e vivo, muito fornido de corpo, de cara bonita e franca, de uma alegria sem par. O outro, o Damião, pequenino, raquitico, o tronco abaulado, os ombros para cima, só tinha em proporção a cabeça, uma cabeçorra horrivel, de olhos esbugalhados, vitreos e mansos, como olhos de peixe ou de sapo. O nariz rombudo parecia arrebentado a socos. O labio superior, partido e arrepanhado num "sinal de chave", descobrindo-lhe os dentes e as gengivas, dava-lhe um ar feroz de cão de fila. O mento fino rompia saliente, entreabrindo-lhe a bôca enorme, de fórma a pôr constantemente á mostra um pedaço de lingua entre a beiçada. E os braços longos e magros tombavam-lhe flácidos, a repousarem no regaço, quando êle ficava em calma, sempre encruzado como um árabe, com os gravetos das pernas lamentaveis metidos para as côxas.

Enquanto não lhes chegou a adolescencia, os dois irmãos, muito unidos, andavam sempre a folgar com a vizinha mimosa, a caboclinha de carne acanelada e rosto lindo, que, aos doze anos, era já uma promessa radiosa de mulher.

Da mesma idade do rapaz mais velho, Isabel tinha, para o outro, assomos de ternura quasi maternal, atenta á miseria fisica do pobre. Justino, sempre jovial, ante aquelas primicias de amor, ria muito, ajudava-a a mimar o irmão, exageradamente, chamava-a de "mãezinha", — "mãezinha" do outro. E, nos folguedos comuns, figuravam sempre assim, como uma familia amiga e feliz, contentando-se o doentinho com a sorte de inválido que lhe davam os outros.

Morando naquêle taboleiro ermo, entre o Bento Pereira e o Pau-Branco, sem outros vizinhos por perto, sempre juntos o dia todo, as crianças foram crescendo, fizeram-se rapazes os filhos do Marcellino, a filha da Felipa entrou na puberdade.

Os pais, cada um de seu lado, faziam ambos por sua vida. Viuvos embora, morando um do outro tão perto, nunca tiveram a idéa de casar.

— Para que, se já haviam passado de tempo, como diziam? Contentavam-se apenas com a amizade que os unia, insulados naquêles "gerais" melancólicos. Viviam do cultivo das terras, lindas vazantes que se estendiam ao fundo das casas, á beira do riacho de Russas. Dois cataventos de madeira, além disso, um em cada sítio, tornavam as hortas de ambos num jardim. Nos tempos da sêca, as suas fôrças se conjugavam, fecundas e iguais, para o slavamento da criação numerosa, que todos os anos se multiplicava, enchendo de cabriolas e balidos o campo fronteiro. Enquanto a mulher cortava macambira para os animais, e os ia erguer combalidos pelas varzeas causticadas pelo sol, o velho trabalhava, ora em Russas, ora em Aracatí, num serviço qualquer, de frete, de arrieiro, que lhes dava para o sustento de uma semana. E assim conseguiam ir alongando sempre sua doce existencia patriarcal. Depois, com o correr dos anos, uma idéa consoladora lhes brotou na mente,—que bem podiam tratar do casamento do Justino com a Isabel, pois o Damião, coitado, não podia entrar nêsses projetos de amor. Doente e mesquinho, como era, qual a rapariga que o preferiria ao outro, — um belo rapagão, que ia ficando, agil e vigoroso como um novilho selvagem?

Aliás, com o despontar dos seios pequeninos, Isabel sentia-se já diferente do que sempre fôra, entre rapazes. Não mais brincadeiras livres, corridas loucas pela mata, sózinhos, á cata de ovos de nambú, alegres banhos descuidados no riacho caudaloso, quando as aguas desciam do sertão chovido. Insensivelmente, refugia ás expansões de outrora, com o pudor virginal na mulher que desperta. Quando juntos ainda, seus folguedos pas-

saram a ser mais quietos, um embaraço crescente tomava-a agora, ante os outros, certas palavras dêles, tão ouvidas já, acendiam-lhe nas faces lindas duas rosas de sangue fulgurantes.

Os dois tambem não eram mais os mesmos. Justino olhava-a agora, cheio de sentimentos novos; parecia-lhe, estranhamente, que ela não poderia mais, d'oravante, continuar a pertencer assim a ambos por igual... Enchia-lhe o peito um grande e forte desejo enternecido de tê-la no mundo, a seu lado, eternamente sua, para a vida e para a morte, só dêle, senhor feliz do tesouro incomparavel, que estava naquêle corpo trigueiro e capitoso de cabocla ardente, naquela bôca saborosa e húmida como uma fruta silvestre, naquêles olhos de noite tempestuosa, — dois pedaços de céu noturno do sertão hiemal, acesos em relampagos de amor. Todas as caricias inocentes, que haviam trocado até então, volviam-lhe á mente, acordando-lhe a vontade muito doce de repetí-las ainda, agora que as saberia gozar melhor... Daí, não lhe agradar mais a ternura comovida que a mulatinha nutria sempre pelo irmão. Deu para irritar-se com aquela meiguice misericordiosa, que êle já não podia mais compreender direito, entrou a tratar o pobre com azedume.

A caboclinha, por fim, sem querer quasi, para o não desgostar, começou a fugir ás caricias de Damião. Quando êle a procurava, para dar-lhe uma flor do mato, um fruto saboroso que apanhára para ela, ou uma ave cantadeira que aprisionára com o sentido preso a sua dona, Isabel aceitava contrafeita êsses mimos ingenuos, fazia sómente uma frase de agradecimento apiedado e benevolente. Entretanto, para o outro, toda se volvia jubilosa, a bôca amavel adoçada em risos alviçareiros, quando, de voltas das viagens a que annava agora, com o pai ou sózinho, em diligencias várias, o rapaz lhe entregava uma lembrança qualquer que lhe trouxera, — um espelhinho de parede, com floragens pintadas, fitas de côres para o cabelo, um vidro de agua de cheiro ou um lencinho bordado.

Damião, afinal, já entendia aquêles modos de ambos, uma grande tristeza rancorosa entrou a pungí-lo, acerba e crua. Estava cada vez mais sumido. Uma amarelidão de impaludado pintára-lhe de óca a máscara da face, onde principiava a pungir um bigode ralo de mongol cachetico. As mãos tinham uma estrutura complicada, eram todo um feixe de falanges ossudas, unhas em ponta, e estriamentos tensissimos de veias. As roupas faziam-se-lhe em farrapos, rasgões cortavam-nas de alto a baixo, por êles repontando a pele corrugosa e feia. Só os olhos no pobre não mudavam: a cornea sangrenta, o íris sem fulgor, eram ainda os mesmos olhos tristes, de rez sacrificada. Muito fraco, "aberto dos peitos", não podia fazer serviço algum, que não rebentasse ás golfadas de sangue. Sua unica ocupação era pescar no córrego, pelo inverno, e caçar no mato, uma vez por outra, os veados que abundavam no sitio. Nunca mais fôra procurar a vizinha na presença do irmão, que evitava o mais possivel. Aproveitava-se dos dias em que êle andava por longe, num "córte de ôlho" pelo Borges, numa "junta de gado" pelo Palhano, para ir vê-la.

A rapariguinha recebia-o, num sorriso doce, indagava da sua saúde, calava-se após, entregandose ao trabalho em que se ocupava, ora trocando os bilros na almofada, mudando com lijeireza os espinhos de mandacarú, ora na tarefa de costurar um chapéu de palha, cuja trança a mãe preparava, a um lado.

Damião quedava, então, enlevado ante ela, minutos a fio, pobre Tantalo do amor, que por cousa alguma do mundo, nêsses momentos inefaveis, se arrancaria dali, do seu extase de sapo ante as estrelas. E era sempre mais desolado e suspiroso que deixava, a custo, a casa da vizinha.

Para irem lá, os dois rapazes seguiam sempre por uma vereda serpeante, aberta na mata, sob o tunel de garranchos do capão.

Ora, um dia, — estando Justino fóra de casa havia já uma semana, — encaminhando-se para o mato, com a espingarda de dois canos carregada ao ombro, e o polvarinho e a cabacinha de chumbo á cintura tomando a trilha, estreita, para ganhar além, as capoeiras, Damião encontrou, a pouca distancia da cêrca de paus-a-pique, os restos de uma ovelha arrebatada na vespera ao chiqueiro, por uma onça destemida, que o devastava aos poucos, de certo tempo em deante. Certo de que o animal voltaria á noite, para finalizar o repasto interrompido, o rapaz resolveu preparar-lhe uma armadilha com a espingarda, quando regressasse da caça, ao fim do dia. Atirou um olhar para as bandas da palhoça vizinha, que mal se entrevia adeante, através das galhadas negras, num suspiro internou-se no mato.

Nêsse dia, entretanto, Justino, que saíra do Aracatí, duas horas antes, apeava-se, ao anoitecer, em casa do Fortunato Rocha, no Rancho do Povo, para um breve descanço, que aproveitou para "bater a sela", o que, no dizer matuto, equivale a boa ração de milho para o animal. E, quando cavalgou, novamente, o pedrês esqualido, rumando á casa, o sol descambava já para o poente, sem pompas violentas de côres, amarelado e frio.

Seriam sete horas, quando o rapaz se apeou no terreiro da casa. Aí, foi só desarrear o animal, que se atirou para um lado, espojando-se na areia, a bufar, com volupia,—entrou, para tomar a bênção ao pai, e precipitou-se de corrida, pela vereda, para a casa da namorada.

Mal êle passára, Damião que perdêra o tempo todo vagando ao longe, sem abater uma caça, entrava pelo atalho procurando os nespojos na ovelha abandonada. Diante dêles, ao pé do mato fronteiro, apoiada a duas forquilhas de pau-branco, o rapaz colocou a espingarda bem firme, visando a carniça; amarrou um cordel aos gatilhos armados, passando-o por trás da arma, por um torozinho de madeira fincado no chão, á pouca distancia; e levou a outra ponta ao outro lado da estrada, prendendo-a num tronco de hortensia, junto á presa abatida. Quando a onça voltasse, topando na linha distendida, faria detonar aarma certeiramente.

Perigo de alguem passar por ali não havia, pois só êle e o irmão corriam aquela trilha perdida, e o Justino, áquela hora, devia estar ainda pelo Aracatí. Pronta a armadilha, levantou-se, examinou tudo com vagar, endireitou para casa.

Aí, porém, aterrado, viu o cavalo do irmão, o pai lhe disse que êle chegára pouco antes, correndo logo á procura da vizinha. O rapaz ficou por um momento imovel, varado de susto. Mas, de repente, sem uma palavra, atirou-se á disparada para a vereda, a evitar que o outro, de volta, fosse de encontro á arma traiçoeira. Ao defrontá-la, respirou com desafogo, por encontrá-la intacta. Parou resfolegando, morto de cansaço, as pernas bambas, o coração estrondando no peito. E, passado um instante, abaixou-se, dispunha-se a desfazer a armadilha, quando vozes em dialogo, muito perto, o sustiveram. Erguendo-se então a meio, protegido pela sombra da mata garranchenta, correu a vista em tôrno, afim de ver quem falava.

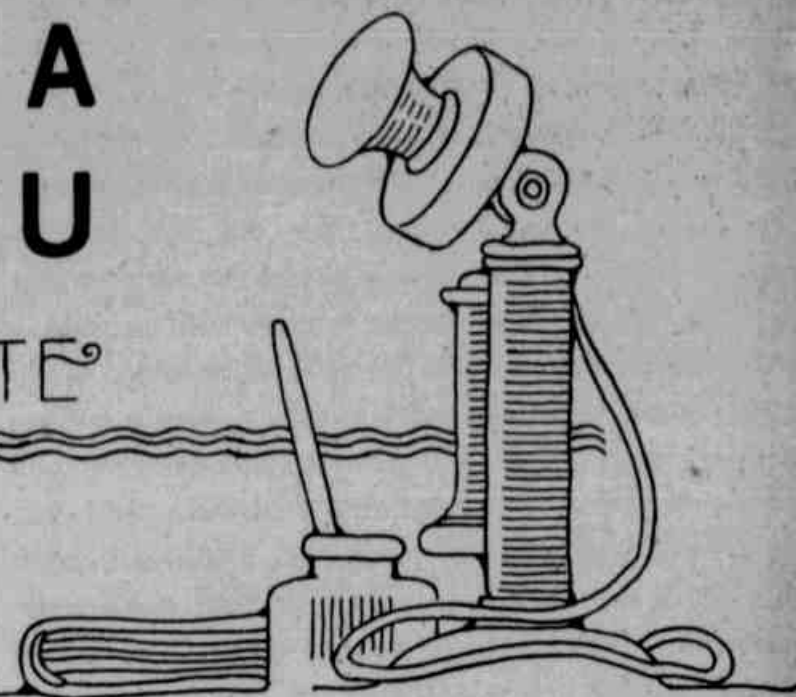
A lua, alta no céu, muito branca, muito limpa, aclarava como dia o campo vizinho. A pouca distancia, rumando á cêrca de paus-a-pique, vinham dois vultos abraçados, não tardou a reconhecer o irmão e a namorada.

Damião, estarrecido, opresso, o cavername do peito num estrupido de forja, estacou vivendo só pelos olhos, olhos de fogo, que davam calafrios, assim luzindo na penumbra. Embora soubesse, havia muito, dos amores dos dois, nunca os vira assim sózinhos, de par, aos beijos, como dois noivos venturosos. A cabeça ficara-lhe á roda, corriam-lhe manchas pela vista, sentia-se estrangular de dor. Pela fronte batia-lhe um pam-pam de sangue a latejar, tombaram-lhe os braços inertes para o chão, estava de joelhos na areia; a bôca escancarada, hedionda, deixava escorrer uma filetação de baba entre a beiçorra. Duas grandes lagrimas doloridas ferviam-lhe nos olhos loucos. Imovel como um tronco, abatido ao pé da armadilha, ficou assim um tempo enorme, sem sentir, sem viver.

Mas, os dois tinham parado em face da estacada, Justino despedia-se para saltar a cêrca.

Então, de repente, num pulo feroz, o rapaz precipitou-se para a arma carregada, calcou com força a forquilra de trás, que a sustinha, alçou assim mais o cano, até pô-lo á altura de visar um homem. E, tudo pronto, — o cordel esticado, os gatilhos abertos, prestes a bater, — agachado ao pé do mato, cauteloso e sinistro como uma sombra maldita, Damião atirou-se a correr pela vereda em fóra, como um doido, soluçando de dor, soluçando de odio.

O HOMEM A QUEM A FORTUNA ASSASSINOU

POR HILTON SETTE

—Sim, duas. A minha e a daquela mocinha ali na frente... de vestido creme... e boina azul...

O condutor passou o trôco. Um cruzado. E o Gildo ficou esperando o agradecimento dela, muito sêco, muito inexpressivo, que se limitava a um movimento afirmativo de cabeça.

Era assim todos os dias que Deus dava. Um namôro sem geito. Frio. Monotono. Que não passava da mesma coisa. Um bôa tarde... e agradecimento... e um olhar de adeus quando ela saltava no penultimo poste antes da curva... Sòmente. Nem podia ser mais. Porque tanto a timidez excessiva do rapaz, como o recato esquisito da moça, não consentiam o progredir daquela amizade tão grande e tão esquiva!

O tempo é que gostava de apostar carreira com os meses.

E, o destino, cá fóra, conspirava secretamente para dar um fim, qualquer que fosse, áquela vida que não podia continuar na monotonia em que vivia.

× × ×

Para mim, o Gildo não é mais que um homem morto pelo ouro.

Sim.

O nosso amigo não nasceu para ser rico. A fortuna paterna matou-o espiritualmente. Insensibilizou-o em sua alma. Tornou-o o que êle é hoje: um rapaz sem emoções. Sem vida. Sem nada. E digo assim, porque o Gildo sempre foi um menino raquitico. Franzino. Doente. A riqueza cercou-o de confôrto e de brinquedos caros. Mas privou-o das alegrias proprias da idade. Cresceu sem nunca ter botado os pés no chão... sem nunca ter empinado um papagaio de papel... nem jogado castanhas... nem subido numa árvore. . E fez-se homem dentro daquêle palacete magestoso em que sua unica felicidade era a janela por onde gostava de olhar o brinquedo contente das crianças pobres do chalézinho amarelo-ovo de defronte.

Só mesmo o amor é que poderia dar um pouco de vibração á sua alma desiludida. Esquecida. Como insensibilizada para os prazeres do mundo. Só mesmo o amor... Por isso é que o Gildo segue todos os dias aquela sombra misteriosa do acanhamento e do recato. Aquele vulto encantador que lhe fez sentir no coração uma amizade muito de acôrdo com o seu espirito. Uma amizade pura, sincera, muito forte, que envés de servir para os aproximar, parecia afastá-los cada vez mais...

× × ×

A vitrola num arranco brutal estacou os compassos flexuosos de um *blue* americano.

De subito.

Automaticamente.

Tanto que o Gildo nem precisou se levantar. Antes, estirou-se mais no macio-fôfo da "dermeuse". Apoiou a cabeça sôbre os punhos cruzados. E ficou com os olhos pregados na brancura do teto estucado. Que era bem uma fotografia fidelissima de seu intimo.

Estava só.

Em tôrno, o ambiente traía o luxo tipico das casas ricas. Cheio de muitos moveis. De tapetes caros. De almofadas vistosas. Mas vazio, ôco, muito ôco mesmo, do hino contente da vida pobre

De "lá de fóra" vinham gritos roucos de vendedores de frutas. Pedaços sôltos de frases banais. Uma voz suave de mulher que repetia o estribilho saudoso daquêle samba:

"Não posso mais sofrer assim".

Se os teus caprichos não tiverem fim"...

Gildo pensou na carta que teve a ousadia de escrever. E num sonho vago de esperança quedou gosando o sabor de uma resposta...

Foi quando telefonio começou a chamar.

Insistentemente.

Gildo não teve outro remédio senão atendê-lo. Certo de ser uma ligação errada. Ou algum recado para alguem de casa.

—Ela mesmo...

E a vozinha cantante que lhe dava bôa-tarde todos os dias falou do outro lado:

—Olhe, Gildo: Eu gosto muito de você ouviu? muito mesmo. Mas... O nosso casamento é um sonho. Um sonho tão bonito que não pode se realizar. Eu sei que você não tem culpa. E não é por mim. Mas por mamãe que me adora... que me quer ver casada com um rapaz direito... como você sim... mas que não seja filho do homem que arruinou a vida comercial de meu pai...

Gildo não teve que dizer. A vozinha sumiu-se num soluço. E mais tarde, quando alguem entrou em casa, encontrou o corpo inerte, banhado em sangue, de um homem a quem a fortuna assassinou...

PERNAMBUCO — *Na feira de Afogados (RECIFE)*

Em cima: alunas do Colegio Santa Marcellina, no Parque de Agua Branca.

D E S Ã O P A U L O

Em baixo: no Club das Perdizes quando foi o baile da chita.

DA SEMANA QUE PASSOU

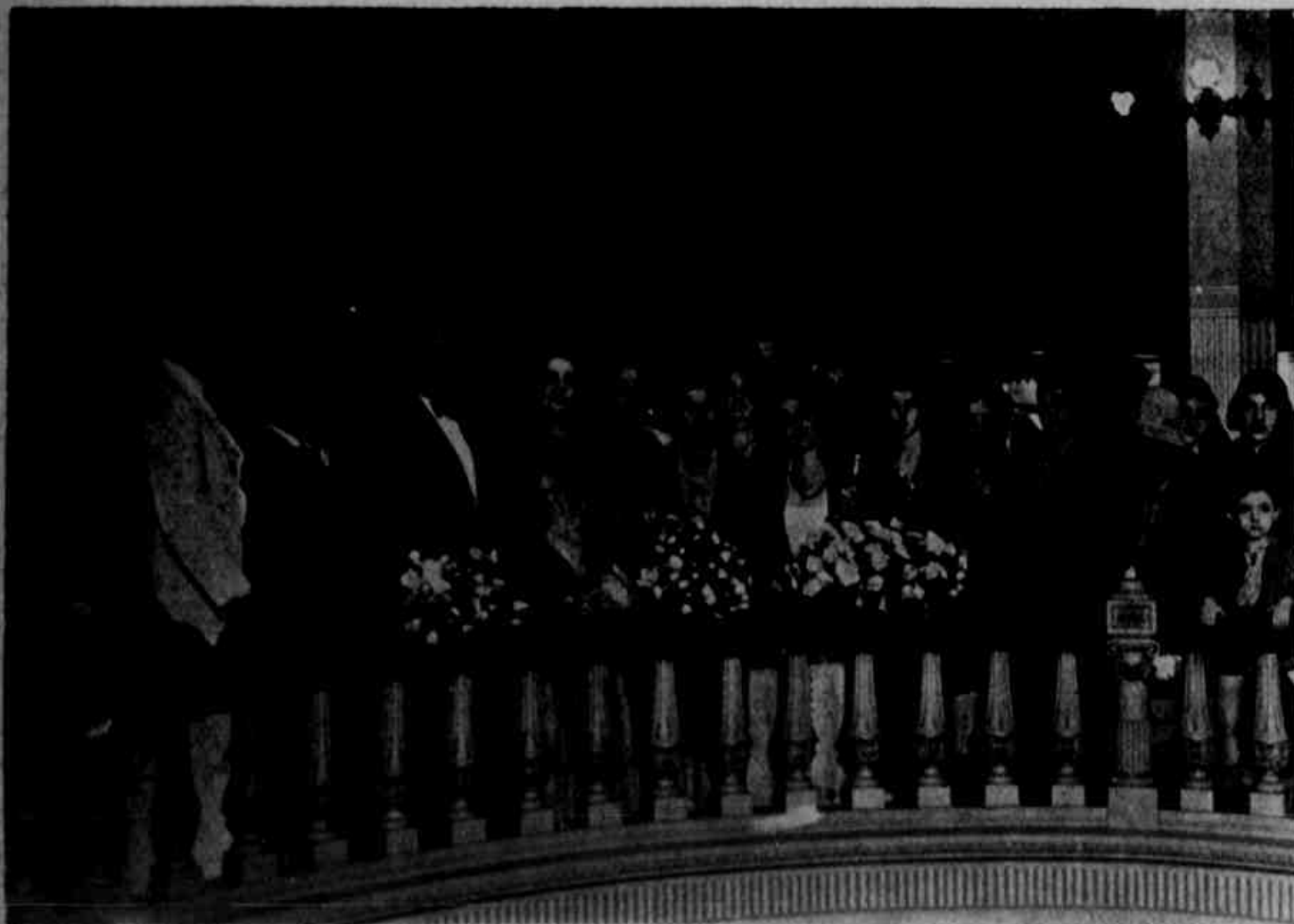
6º ANIVESARIO D' O "GLOBO"

Visita aos tumulos de Irineu Marinho e Eurycles de Mattos, onde falaram Netto Machado e Eloy Pontes

Dopolavoro

Na festa em homenagem ao professor Saloperto
Em baixo:
na Confeitaria Paschoal quando foi o chá oferecido á Imprensa pela Companhia Lírica Brasileira.

Esposição Celso Kelly

Na tarde em que Murillo Araujo leu os seus mais novos poemas.
Em baixo:
festa da Colonia Suissa no dia da Independencia.

MINNA

de ALVARO MOREIRA
desenho de F. M.

NÃO tem casa. Móra num quarto de vestir. Anda sempre núa. Atirada sobre o divã verde, laranja, ouro, azul, lê, lê, lê. De noite, dansa para ganhar a vida.

A vida... Uvas, passas de pecego, malaga, sorvetes, pedaços de seda, todos os perfumes do mundo...

Com o cabelo cortado rente, dá a desconfiança de ser um homem de depois da guerra. E' mulher. Não porque usa o nome de Minna. Com dois enes. Sem acordo ortografico. Mas gósta de conversas invisiveis.

A differença principal entre uma mulher e um homem vem de que a mulher nunca desliga o telefone quando a ligação foi feita errada. O homem ás vezes desliga. Minna fica falando, fica ouvindo. Em êstase.

Os livros entretanto arranjam o seu prazer de verdade. Na cabeça de Minna ha uma solitaria inconsolavel. E inteligentissima. Devóra montes de romances, colinas de peças teatraes, outras elevações de revistas em varios idiomas. Quando aparéce a hóra de sair, antes de fechar o livro, Minna põe um sinal na pagina, na ultima frase, com pó de arroz, com *rouge*, com coisas pretas para os olhos. A bibliotéca de Minna está toda maquilhada. Cheia de marcas da passagem dé'a. Si éla podesse ir assim para a rua! Si podesse trocar as roupas já tão insignificantes por pinturas na carne bolchevista! Que modelos crearia! Que estupendos figurinos!

Nessa rapariga perfeitamente sem educação reside uma artista criadora de maravilhas. Minna sózinha é um bailado russo de Paris... Um bailado completo: cenarios, costumes, musica, atitudes, movimentos, o résto... E como Minna dansa mal! Um encanto!

E' dona de um gato e de um amor. O gato a gente vê. O amor ninguem sabe onde é...

VAMOS para

W. C. Fields, artista comico norte-americano

Coronel

E' estréa?

Cabaretier

Chegada hoje de Buenos Aires... Orquestra!... Musica para mademoisele Marieta. (Ouve-se musica. A cançonetista começa a cantar fóra) C (Ao público) Estão vendo? E' a rival de Claudia Muzio! (Sái)

CENA VII

MOACYR e o CORONEL

(A cançonetista canta ainda até ao fim da cena)

Coronel

Deve ser muito bonita.

Moacyr

A voz?

Coronel

A mulher...

Moacyr

Tem razão, coronel. Eu tambem prefiro uma mulher bonita a cantar para mim uma canção horrivel, a uma celebridade que cante a Tosca para o público... Vai ficar, coronel?

Coronel

Um momento... Estou á espera dáquela mulher...

Moacyr

Ah!... (Levanta-se) Vou até á campista. Estou com fé na dama... Até logo...

Coronel

Se encontrar algum garçon, mande-o até aqui, por favor.

Moacyr

(Saindo pela E.) Pois não... Dois até...

CENA VIII

O CORONEL e o GARÇON

Garçon

Excelencia?...

Coronel

Champagne.

Garçon

Cliquot?

Coronel

Cordon Rouge. Velho. Duas taças.

Garçon

Perfeitamente! (Sái)

CENA IX

CORONEL, LISETTE e depois O GARÇON

Lisette

O senhor é de uma pontualidade britanica...

Coronel

Oh! Lisette! Que honra para mim! Pensei que não aceitasse tão depressa o meu convite...

Lisette

(Sentando-se) Eu sei quais são os convites que a gente deve aceitar prontamente... (O garçon entra com o Champagne, serve e sái)

Coronel

A' sua!

Lisette

A' nossa!... (O coronel devora a taça)

CENA X

Os mesmos e o HOMEM QUE FALA SÓZINHO (Sentado a um canto)

O homem que fala sózinho

Ha um encanto sem par na vida da meia-noite! O luar é cretino!

Coronel

(Intervindo) O senhor está dizendo uma grande verdade!

O homem

(Fixando-o) Não estou falando consigo...

Coronel

(Olhando em tôrno da sala) Aqui não ha mais ninguem...

O homem

Falo com o meu "eu". E' um direito que me faculta a Constituição! (Com despreso) Os incomodados mudam-se!

Lisette

(Baixinho) Parece que é doido...

O homem

O estado maior está cá fóra. Não obedece ás ordens do Dr. Juliano Moreira...

Lisette

Êle ouviu...

Coronel

E' melhor deixar o homem em paz...

O homem

A nação anda á procura da paz... Creio sinceramente que a vida de um povo assim é um buraco!

Coronel

O senhor disse uma grande verdade!

O homem

Não estou falando consigo!

Lisette

Fique quiéto...

O homem

A quietude! Como me faz bem ao coração! Venho buscar a minha quietude no barulho do cabaret!

CENA XI

Os mesmos, MOACYR, depois O GARÇON

(Êle entra e dá a impressão de que sofreu um choque ao ver Lisette. Ela tambem disfarça uma surpresa chocante)

Moacyr

Parece que chego em má ocasião...

O homem

A ocasião é tudo na vida! (Moacyr olha-o espantado)

Coronel

(Piscando-lhe o ôlho) Chegue-se para aqui. Já conhece?

Moacyr

Não tenho o prazer...

Coronel

Madame Lisette... O Dr. Moacyr de Toledo, um dos escritores mais notaveis do Brasil!...

Lisette

De nome já o conhecia. Leio-o todos os sábados no "Para Todos..."

Moacyr

(Sorri agradecendo)

Coronel

Pois é esta a mulher de que lhe falei ha pouco... Que tal?

Moacyr

Encantadora!

Lisette

(Sorri de novo agradecendo)

Coronel

Bem vê que tenho bom gosto...

Moacyr

E que sempre foi um perito em questões femininas...

Coronel

Um profundo entendedor dos misterios que envolvam o coração da mulher...

O homem

As mulheres de hoje não têm mais coração. No logar do coração colocaram uma caixa registradora, que se abre e fecha ao sabor do dolar. Dentro da caixa, desafiando a argúcia dos gigolôs, é que está o coração.

Lisette

(Olha Moacyr e sorri)

Coronel

E' indiréta ou diréta?

O homem

Deixe de ser bobo! Não estou falando consigo!

Moacyr

Êle não quer dizer que o senhor seja um otario...

O homem

Diz o tango "que se acabaram lós octarios" e que por detrás de cada otario se esconde um gigolô. Mentira. Os otarios é que se julgam gigolôs...

Moacyr

Admiravel!...

Lisette

Acha?

Coronel

Otimo!

O homem (Alto)

Garçon! whisky an soda!

Garçon

John Haig?

O homem

Old Parr... (Garçon sái. O coronel bebe, de uma só vez a taça)

Coronel

Sei com que mulher estou

O AMOR

PEÇA EM 7 QUADROS DE

BRASIL GERSON

(Continuação)

tratando. Vou ali e já volto. Confio a vocês dois a minha integridade moral!...

Lisette

Pode ficar descançado...

O homem

Ha duas coisas impossiveis nêste mundo: — confiar numa mulher e vêr o Sr. Washington Luis sem cavagnac...

Coronel

(Saindo, olha-o com rancôr)

O homem

Não estou falando consigo! Não seja bêsta!

Moacyr

Quem é? Engraçadissimo!...

Lisette

(Leva o dedo á testa como que a dizer que o homem que fala sózinho é doido)

CENA XII

LISETTE, O HOMEM, MOACYR e o GARÇON

Garçon

(Serve whisky e põe um copo deante de Moacyr. Sái)

Lisette

Beba um pouco de Champagne...

Moacyr

A' sua beleza!

Lisette

Obrigada!...

O homem

A verdade no amor é mais dificil do que um deputado da oposição falar bem do governo...

Lisette

Será verdade?

Moacyr

Cosi é, se vi pare... (Vem lá de dentro a melodia de "Se acabaram los ótarios" ás vezes entrecortada de frases do tango celebre)

Lisette

Quer dansar o tango?

Moacyr

Não sei dansar.

Lisette

Um rapaz tão simpatico...

Moacyr

No Brasil toda a gente sabe dansar e falar o francês, menos eu...

O homem

Só a mulher imbecil é que não gosta do homem diferente dos outros...

Moacyr

Viu?

Lisette

E então?...

Moacyr

Ha uma semana que eu lhe suplico um sorriso que seja só meu...

Lisette

Lembra-se da frase do homem que fala sózinho? E' mais dificil a verdade no amor que um deputado da oposição falar bem do governo...

Moacyr

Não crê, então, na minha sinceridade?

Lisette

A sinceridade não basta. E' muito banal. Eu quero um amor original que me convença á custa de todos os argumentos possiveis...

Moacyr

E que devo eu fazer para conseguil-o?

Lisette

Não sei... (Sorri significativamente)

Moacyr

E êste sorriso?

Lisette

Quer dizer que pretendo ser conquistada...

Moacyr

Como?

Lisette

Isso depende do meu estado d'alma...

Moacyr

Com romantismo?

Lisette

O meu estado d'alma é como um arco-iris... Tem muitas côres. E é furta-côr tambem. Pode ser muito bem que, quando você lançar um golpe azul contra o meu coração, êle só se satisfaça com um golpe rubro...

Moacyr

Você será uma mulher estranha, única, esquisita?

Lisette

Não... Sou apenas como todas as mulheres...

O homem

Uma decepção... A gente deve ver sempre de longe as mulheres que acha interessantes. O contato conduz á realidade. E' por isso que eu me contento em ser na vida apenas um gigolô subjetivo.

Moacyr

Será verdade?

Lisette

Cosi é, se vi pare...

CENA XIII

Os mesmos e o CORONEL

Coronel

Dansaram?

Lisette

Conversámos...

Moacyr

Sôbre o amor...

Coronel

O assunto em que eu sou perito...

O homem

Toda a gente diz que entende de amor. Mas sempre canta, em desabafo, o estribilho do tango fatal: — "Um dia pagarás tu hasaña!"

Coronel

(Bebe furiosamente a taça. Vê-se que o alcool lhe sóbe á cabeça. Torna-se expansivo e começa a tocar em Lisette, que se mostra contrariada) Meu amor, não acha você que eu sou um homem tentador?

Lisette

Conforme o ponto de vista...

O homem

Oh! Vã ilusão do dólar!

Coronel

(Bebe uma taça mais. De dentro chegam vózes animadas.)

Moacyr

(A Lisette) Está na hora...

Lisette

De que?

Moacyr

De fechar o tempo. Nos cabarets brasileiros, ou fecha-se o tempo, ou improvisam-se manifestações patrioticas. (Baixo a Lisette) Vái para o hotel?

Lisette

Vou.

Moacyr

Quer que eu a acompanhe?

Lisette

Tenho já companhia...

Moacyr

(Acende um cigarro com melancolía e fica a observar com tristeza a fumaça que baila no ar)

Lisette

Não fique triste. Chegará o seu dia. (Toma-lhe a mão carinhosamente) (O Coronel olha desconfiádo) (Ao coronel) Está apaixonado... Precisamos confortá-lo...

Coronel

Apaixonado por quem?

(Continúa no proximo número).

Carlos Leal, artista comico português

SEM TITULO

Por **NOEMI PITANGA**

GARÔTOS DE PARIS — DESENHO DE POULBOT

— MONTMARTRE —

NA mocidade de minha cabeça o primeiro fio de cabelo branco...

Essa mancha tão melancolica e tão palida, tão tristonha e tão sentida, és Tu, porque Tu és meu desgosto, porque a saudade, desde que nasce até que morre o dia, clama por Ti, e de treva fez-se neve, e de noite escura fez-se luar...

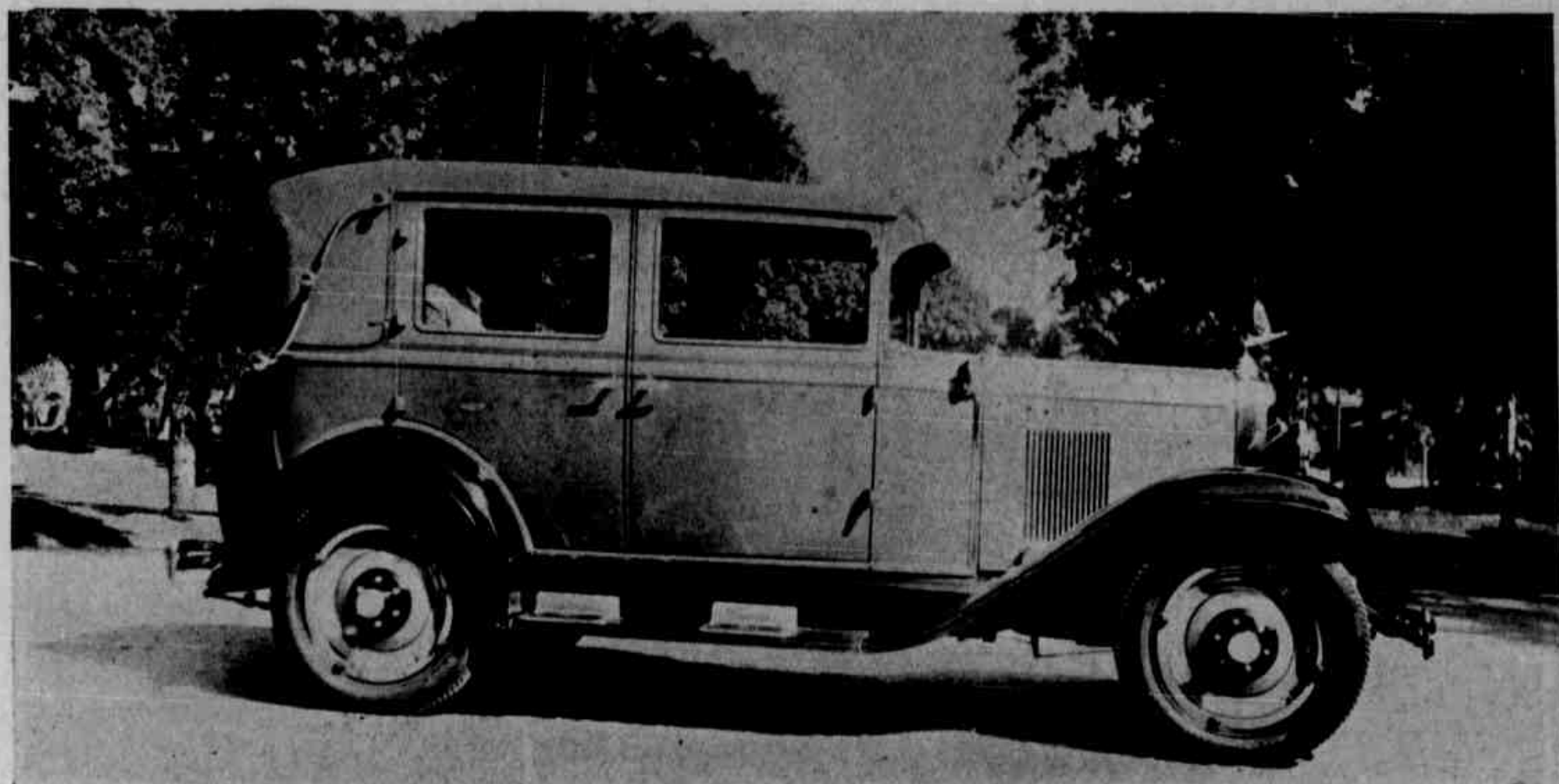
Virão outros, depois...

E, depois outros virão, e minha cabeça de sonho e mocidade transformar-se-á no vasto Campo-Santo-do-Pensamento, cheio de lenhos e cruzes, muito brancos...

Cruzes e lenhos, muito brancos, pedras votivas de uma aspiração vencida, lapides singelas de um grito de vitória sufocado por tuas mãos indiferentes, morto, morto...

Lenhos e cruzes, muito brancos, muito alvos, sem a piedosa prece tua, sem a uncção de um beijo teu para o espirito que poisa, desprotegido e anonimo, na coragem de sua grande magua...

E a mocidade de minha cabeça assinalará em cada cabelo branco, desejos abafados, ilusões perdidas, desenganos e desenganos — cruzes e lenhos, lenhos e cruzes, interminos, infindaveis, que os desesperos não têm medida — Campo-Santo de renuncia e de tristeza, de melancolia e de saudade, Campo-Santo-do-Pensamento...

Notas inéditas de Graça Aranha

O ultimo retrato de Graça Aranha na ultima vez em que êle saiu, 23 de Janeiro de 1931, uma sexta-feira. Tinha ido reservar passagens no "Duilio" que partia em Abril. Graça Aranha pretendia fixar residencia na Italia, junto dos lagos. (Fotografia tirada e cedida a "Para todos..." por Dona Nazareth Prado).

A NATUREZA E O AMOR

A Natureza não é uma separação, é o meio onde se deve realizar a *comunhão da alegria* no Amor. As expressões da Natureza são expressões do Amor e o Amor é a propria comunhão com a Natureza.

O surto do Amor é atravessar todos os circulos da Dor e chegar á comunhão da alegria com o ser amado.

No Amor se atinge á sua propria divindade pela provação, pelo sofrimento e pelo extase. E' a propria veneração.

OS MILAGRES DO AMOR

A inspiração. O extase produzindo a beleza da expressão corporal. A tranfiguração. O genio no amor. O profetismo. A espiritualidade. A transcendencia espiritual. A ressurreição. A imortalidade.

Atingir á unidade absoluta que é toda a ansia dos sêres no Universo. Esta perfeição absoluta só é atingida na unidade corporal e espiritual dos dois amantes na comunhão da alegria pela fusão da Natureza.

O Amor é a elevação. E' o desprezo da realidade, a morte da ação.

O AMOR E O PANTEISMO

Antes do instante da paixão o homem por um sentimento profundo da Natureza chegara a realizar a idealidade do Todo vivo e animado. E nêste idealismo o sentimento da Dor se tinha eclipsado, tudo era o perpetuo renascimento do Universo e daí o cepticismo absoluto e a sublime impassibilidade. Mas dêsde que o Universo pela magia do Amor se representou em outro ser, no espirito humano se produziu a mutação do panteismo. A Natureza só é compreendida no sêr amado e só por esta "realidade" ela existe. Se o sêr adorado se transformar, morrer na sua forma atual, aquela realidade do Universo se extingue para o amante e toda a vida universal cessa com a vida das vidas.

No Amor o sêr amado é uma paisagem.

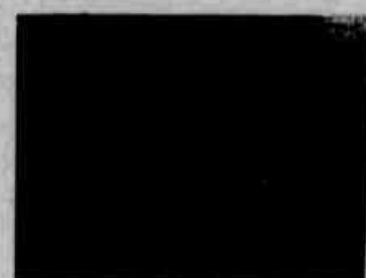
GRAÇA ARANHA

CINEMA

Evelyn Laye

De cima: Fernanda Pombo, Itala Ferreira, Tamar Moema, Eugenia Brazão, Lygia Sarmento, Augusta Guamarães, Córa Costa e Iracema de Alencar. A' direita: João Barbosa, Atila de Moraes, Raul Soares, Aurelio Corrêa, Jayme Costa, Gabriel de Macedo, Aristoteles Penna, Alvaro Costa e Armando Rosas.

(Fotos de los Rios)

Charlotte

Companhia do Teatro João Caetano

Charlotte Susa — Em cima: Madge Bellamy -- Janet Currie

Temporada
de
Comedia Brasileira

Teatro

Véra Sergine que iniciou a temporada estrangeira, com Henri Rollan e a sua companhia de comedias, no Teatro Municipal

Galeão Coutinho, poeta do "Parque antigo", que contou as histórias do "Semeador de Pecados" e que acaba de publicar a novéla-reportagem: "Cambio a 3", que é uma fotografia animada numa satira continua, film de um diretor humorista, que se divertiu dirigindo os seus interpretes e pôs legendas terriveis nelas e neles.

Aureliano Leite, escritor e homem que se confundem na mesma sinceridade, na mesma pureza, fazendo de todas as desilusões crenças novas. Como ninguem sabe admirar como Aureliano Leite, ninguem sabe castigar como êle, serenamente, do alto. As suas "Memoria de um revolucionario" formam um dos livros mais envolventes que os sucessos dos ultimos tempos provocaram.

Livros

O acontecimento literario da semana foi, sem duvida, o aparecimento do novo livro de Osvaldo Orico — O TIGRE DA ABOLIÇÃO — titulo sob o qual se encontra a reconstituição da vida de José do Patrocinio. Obra de justiça a uma grande figura esquecida, é tambem uma obra de arte. As qualidades reveladas em A VIDA DE JOSE' DE ALENCAR e em O DEMONIO DA REGENCIA atingem nêste livro sobre Patrocinio um alto grau de pesquisa e narração.

O TIGRE DA ABOLIÇÃO é um livro que educa e comove, esclarece e deslumbra, representa e exalta. Obra que vale por três anos de laboriosa pesquisa, três anos de atividade intelectual empregados em consultas a testemunhos orais, bibliotecas e museus. A biografia de Patrocinio marca a mais bela etapa da obra de Osvaldo Orico. Tudo recomenda ao apreço do grande publico esse livro em que se articulam para fortalecê-lo as razões da cultura, do estudo e da meditação e os extraordinarios motivos que êle versa. O novo trabalho de Osvaldo Orico está dividido em cinco capitulos: — **Berço, Escalada, Ação, Irradiação, Apoteose e Declinio.** Em qualquer dêles a vibração é a mesma, o estilo guarda a sua alta personalidade, a emoção se representa em paginas de grande penetração psicologica. Livro de cultura, livro que marca uma individualidade, livro destinado a tornar-se um grande subsidio para a história acidentada do cativeiro, O TIGRE DA ABOLIÇÃO é uma obra que nos dá uma visão completa da campanha redentora e de seu heroi popular. Uma obra que exalta. Uma obra que fica.

Musica

Raul de Azevedo, que acaba de publicar o romance "Roseiral". E' um escritor de nome feito, e o romance é lindo como o titulo.

Ophelia Nascimento pianista admiravel e preguiçosa. Ha quanto tempo o Rio não ouve Ophelia Nascimento?

Pintura

Padua Dutra, pintor de S. Paulo

Dansa

Leda Boisson, discipula de Véra Grabinska e Pierre Michaïlowsky, na Escola Padua Soares.

CREATURAS
DO BOM DEUS

(Fotos G. MENTZEL)

PAGINAS DE GUERRA

Era aquilo *the big parade*, a parada monotona, o grande desfile dos exercitos da civilização, ou a parada macabra da morte, da peste e da infamia? Era tudo isso ao mesmo tempo, ciclone de desarticulações nunca imaginadas, arrastando em pós de si colunas e mais colunas de martires, de iluminados, de simples vítimas da disciplina e do patriotismo em alvoroços...

Preso na cauda dêsse ciclone que abalou, a principio, a Eurasia e, depois, como granizo, a Africa e as duas Americas, fui sacudido da minha tranquilidade licita pelo afan profissional de João do Rio, que me oferecera, em Paris, por bondade e cavalheirismo, o logar de correspondente telegráfico e epistolar da *Gazeta de Noticias*. E era assim que eu ia, França afóra, experimentar as sensações e os horrores da guerra, invejaveis no principio, detestaveis por fim, fatigantes, insipidas, acima de qualquer esforço vulgar humano.

O meu primeiro raid jornalistico data de 23 de Agosto dêsse lamentavel ano de hecatombe. Num automovel cedido pelo Ministerio da Guerra de França a Eduardo Helsey, enviado especial do *Journal* (que ainda não se vendera ao então incorruptivel Bolo Pachá), saimos de Paris, ao lado daquêle escritor, eu e Gerard Harry, êste último viajando a serviço particular do *Figaro*. Seria tentativa puramente infantil aqui descrever o que eram os nossos trajes de campanha — dolman verde garrafa, gorro cinza-claro, sacólas com víveres para cinco dias — além das onipotentes pistolas Mausers usadas a tiracolo, para fins que forcejavamos por ignorar. A nossa previdencia faria sorrir de goso aos *poilus* que, mais tarde, nos barrancos do Aisne, combateriam com lama pelos joelhos e dormiriam em trincheiras nauseabundas, famintos, entre montões de cadaveres insepultos.

Transposto o campo entrincheirado de Paris, em marcha célere o nosso automovel tomou a direção de léste, vencendo, galhardo, os incidentes numerosos dos caminhos, evitando as carroças de feno tombadas, as arvores derruidas propositadamente, os buracos, os destroços das obras abandonadas ao primeiro grito de invasão.

As longas altas para apresentação de documentos-passes aos gendarmes departamentais roubavam-nos, cada vez, de quinze a vinte minutos. Incidente desagradavel em Château Thiérry, onde um bombeiro houve por mal nos dar um tiro de espingarda sôbre o veículo. Em Châlons-Sur-Marne, outra demora mais enervante ainda, para a passagem de um interminavel comboio de abastecimento. E, atrás dêsse comboio, o 75° regimento territorial, e os seus homens que se dessedentavam. Era por um tórrido calor de Agosto, ainda mais causticante e sêco que o do Rio de Janeiro. Os habitantes da região surgiam de todos os lados, aceleradamente, trazendo marmitas de sôpas, de café e leite, cestas de frutas e de ovos fervidos, garrafas de cidra, de vinhos e de cerveja.

Novamente a caminho, penetrámos na provincia do Mosa, indo descansar, por algumas horas, em Bar-le-Duc, a terra do senhor Poincaré, nas arribas romanescas do riacho Ornain. Depois de Bar-le-Duc, Toul, campo de concentração de cêrca de cento e cincoenta mil homens.

A' medida que nos aproximavamos de Nancy, as estradas iam tomando um singular aspéto. Alinhados simetricamente, seiscentos autobus de carnes frias, batatas, chocolates, conservas, ostentavam as tabolêtas *Madeleine-Bastille, Square Montholon-Faubourg Saint Jacques* e quejandas. Essa visão da cidade luminosa, — Lutetia, cidade de lama — encheu-nos o coração de uma vaga, uma dolorosa melancolía, só dissipada ao chegarmos á antiga capital lorena.

Construida sem capricho architétonico, num vale ás margens verdejantes do Meurthe, Nancy apareceu-nos, ao sol importuno, digna e orgulhosa creação de Gerardo d'Alsacia, primeiro duque de Lorena, principe faustoso e fanatico de Oderic. Dum lado o fugitivo canal do Marne ao Rheno; do outro as largas estradas infinitas por onde circulavam os trens internacionais. E em volta, os prados de um verdôr incrivel, as cadeias de colinas do oriente e do ocidente, as estradas por onde transitavam levas de prisioneiros, colunas e mais colunas de soldados em marcha, filas interminaveis de comboios de abastecimento.

Estavamos finalmente dentro de Nancy, na Praça Stanislas, onde ficára instalada a séde do governo militar da região. Um malôgro, para nós, o contato com as autoridades do estado maior. Queriamos um passeio á frente de batalha alsaciana, a Mulhouse reconquistada quasi que sem combate. Impossivel tal favor numa hora em que os aliados se batiam numa linha sinuosa que tinha o seu inicio ás proximidades de Bâle, na frontei-

Recanto de Suburbio (*Desenho de Guinard*)

THEÓ FILHO

(ILUSTRAÇÃO DE EHLERT)

ra suissa, e se estendia, alteravel, conforme soprasse o vento da vitória, até aos campos e ás colinas do Limburgo belga.

A nossa primeira noite de Nancy nós a passámos na galeria do Cierge, no *Palais Ducal*, onde ainda se vêem magnificas tapeçarias dos tempos de Carlos, o Temerario.

Sómente depois de muitos dias obtivemos do general Pau, heróe mutilado de 1870 e comandante do sector de Nancy, um passe que nos permitisse a ida problematica a regiões situadas ao norte e a nordéste do país. A nossa demora em Nancy tivera uma causa em verdade importantissima. Uma divisão do 15° corpo de exercito, composta de contingentes de Antibes, Toulon, Marseille e Aix-les-bains batera em retirada deante de forte pressão alemã e daí redundara a perda de Luneville.

Mas o essencial, para nós, era rolar sobre quatro rodas de automovel, colhendo aqui e acolá tudo que nos parecesse interessante ou merecedor de publicidade. Que poderiamos contar, entretanto, se as nossas noticias, as nossas correspondencias, partiam retalhadas, reduzidas á expressão mais simples pela censura de Paris?

Nossa primeira etapa: Nancy-Toul-Verdun. *Piou pious* pelos caminhos, coloniais, atiradores senegaleses, zuavos marroquinos e algerianos. A guerra ainda parecia, para todo o mundo, uma carnificina de três meses, no maximo, debaixo do céu glorioso de Agosto, Setembro e Outubro.

Segunda etapa: Verdun-Mezières. Formidavel concentração de forças de reserva em Sedan e Rocroy. Depois de atravessarmos a fronteira belga, fronteira que daí a dias desapareceria sob as patas do cavalo de Atila e só seria restabelecida, como por milagre, cinco anos depois, alcançámos Philippeville.

O ruido da metralha chegava-nos aos ouvidos, sem notas dissonantes, apenas como um furar de tambor em surdina. E a batalha desenrolava-se em duas faces de um triangulo que tinha como vertice a fortaleza de Namur, um dos lados a linha do Sambre a Charleroi e, de Charleroi, pelo riacho Centre, até Mons e o outro lado a que se dirigia para Givet, através Dinant. A base do triangulo vinha a ser um traço irregular que passava por Givet, Philippeville, Maubeuge, e Mons.

Depois da geografia, a historia: e a historia já está farta de saber o que foi essa batalha de 800 mil francêses e belgas contra perto de um milhão e meio de alemães e que só terminou, em Setembro, nas margens do Marne.

Oitocentos mil aliados contra um milhão e quinhentos mil alemães... Em Rocroy, Condé opunha vinte e dois mil francêses a vinte e seis mil espanhóes. Em Fontenoy os francêses eram cincoenta e cinco mil contra igual número de inimigos. Em Marengo vinte e cinco mil soldados de Napoleão bateram quarenta mil austríacos. Em Austerliz oitenta mil francêses desbarataram oitenta mil austro-russos. Em Leipzig eram cento e cincoenta mil os francêses e trezentos mil os coligados; em Solferino cento e cincoenta mil homens de cada lado. Em Sadowa duzentos mil austriacos lutaram contra duzentos e cincoenta mil prussianos. Em 1870, para quatrocentos e cincoenta mil alemães os franceses dispuseram de trezentos mil soldados. E veiu Mukden, com quatrocentos ou quinhentos mil russus e japonesês. E Lule-Bourgas, e Tchornil com quasi oitocentos mil turcos e bulgaros.

No inicio da conflagração de 1914 um milhão de combatentes de cada lado cáusava assombro aos povos deshabituados ás longas carnificinas humanas. No entanto, depois de 1914 veiu 1915 e em seguida. 1916, 1917 e 1918.

E em 1918 viu-se êsse fenomeno verdadeiramente assombroso: a Europa, eriçada de baionetas, ter em pé de g u e r r a , aproximadamente, trinta milhões de soldados...

* * *

6 de Setembro de 1914 — um domingo, lembra-me nitidamente — primeiro dia e primeiro domingo que passaram os parisienses sem o Governo da República, fugido para Bordeaux, á aproximação da coluna de von Kluck. Boatos: uhlanos á porta Maillot, pavoroso incendio da floresta de Compiègne... Um almoço preparado para o kaiser no *Ritz-Hotel*...

Onde não ha o medo da morte, disse d'Aubry, a morte perde todos os seus direitos. E como os fugiões de Paris eram aquêles que tinham o medo da morte, Paris demonstrava, nessas horas de perigo, uma calma prodigiosa, e mesmo, elegantemente, uma tragica poesia.

O som piedoso dos sinos, eis a novidade sensacional dêsse começo de mês de Setembro. Ha quantos séculos não se ouvia a voz dos sinos ! E ha quanto tempo não se ia á missa !

As igrejas regorgitavam de gente, e, depois, os seus fieis pintalgavam as campinas de Boulogne e de Vincennes.

Então, os bosques, as grutas artificiais e os lagos campezinos escutaram patrioticas canções e melopéas inspiradas nas jornadas de Agosto e na *Chanson des rues et des bois*, que Hugo escrevêra para evocar os dias intranquilos de 1792. Sob um céu claro e um sol indulgente, invadia a multidão os relvados de Longchamp, onde o governo concentrara para cima de 20.000 cabeças de gado. Trabalha-se um pouco mais ao longe, em

(Termina no fim do número).

Carta a Madame Senhora:

SENHORA ROBERTO VICENTE RUPTO

da mais alta sociedade mexicana. — Pose especial para "Para todos..." por Lansing Brown

NÃO é pela graça curiosa do teu eu, nem pelo encanto ingenuo de tuas indiscreções deliciosas que te venho falar.

E' unicamente pela tua alma profundamente feminina, essencialmente irmã da minha, que ouzo urdir entre nós uma camaradagem simples que proporcione a nós ambas momentos de comunicação espiritual.

Deixa, pois, que te diga: és muito amiga das mulheres, e as que não sabem enxergar em ti tantas qualidades superiores, as que te olham de longe, desdenhando a tua elegancia superior de beleza — decerto não são mulheres de espirito.

Eu apesar de não me arrogar de o ser, e viver a gôsto na comoda penumbra que envolve os meus dias, gosto não sei por que, gosto de ti como uma irmã, querida. Pois és tú a mais mulher de todas as mulheres. E trazes no teu todo de inventadora de novidades êste anseio inquieto que todas nós temos, de beleza, de imprevisto, de emoção.

E tua beleza não cansa por que não és parada. E' um encanto todo especial de mudanças efemeras, de pequeninos nadas que ás vezes valem tudo...

E — mais do que isso — tú tens capacidade para satisfazer a maior ansia de beleza que se possa ter no pensamento.

Toda mulher guarda no céu interior de sua vida instantes mais ou menos nublados, onde aparecem nuvens cinzentas enovelando o ambiente que devia ser claro...

Pois tú és prodigiosa nêstes instantes. Sorris garridamente, e o teu sorriso de côr, de som e de perfume ineoria e entontece.

Tú dominas e nunca hás de ser dominada. E todas as mulheres hão de te prestar culto, senhora, mesmo com estas tuas irreverencias de moderna, mesmo com êstes absurdos alaridos de imprevisto, com êste teu todo fragil, meudo, gracioso, infantil, de rendas, tules, flôres, plumas, sedas e fitas, toda risonha, com estas tuas modernices atuais, com a dissonancia diabolica de teus *foxs*, com a esquisitice de teus perfumes novos, na tua maneira de olhar a vida com êstes teus labios a *baton*, e as caudas deliciosamente longas de teus vestidos de *soirées*, és bem feminina na tua inconstancia fragil... Rainha que dominas és tú: A MODA.

IDA SOUTO UCHÔA

Casamentos

Em baixo:

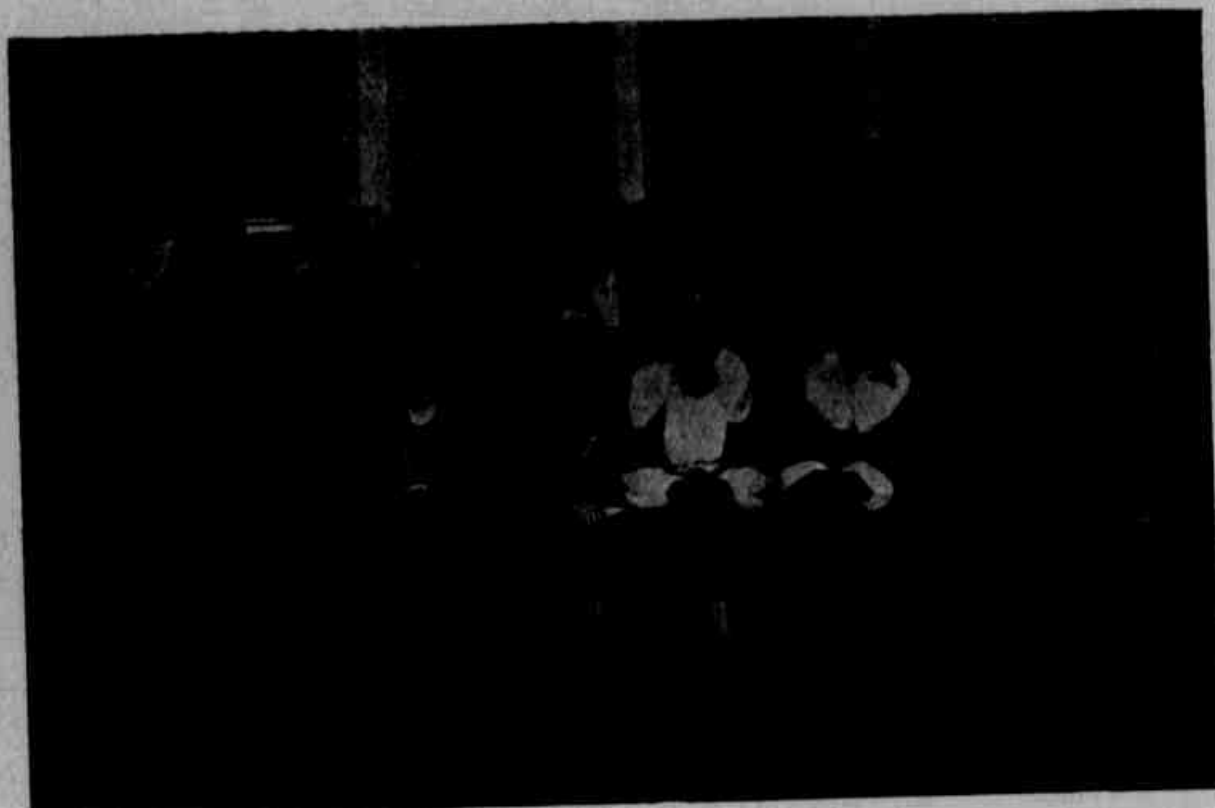
os noivos, padrinhos, parentes e amigos no dia do enlace Olga Salles — Mario Rosa de Lima.

Jandyra Araujo com Lauro Baptista (Niteroi)

Olga Salles com Mario Rosa de Lima. (Minas Geraes)

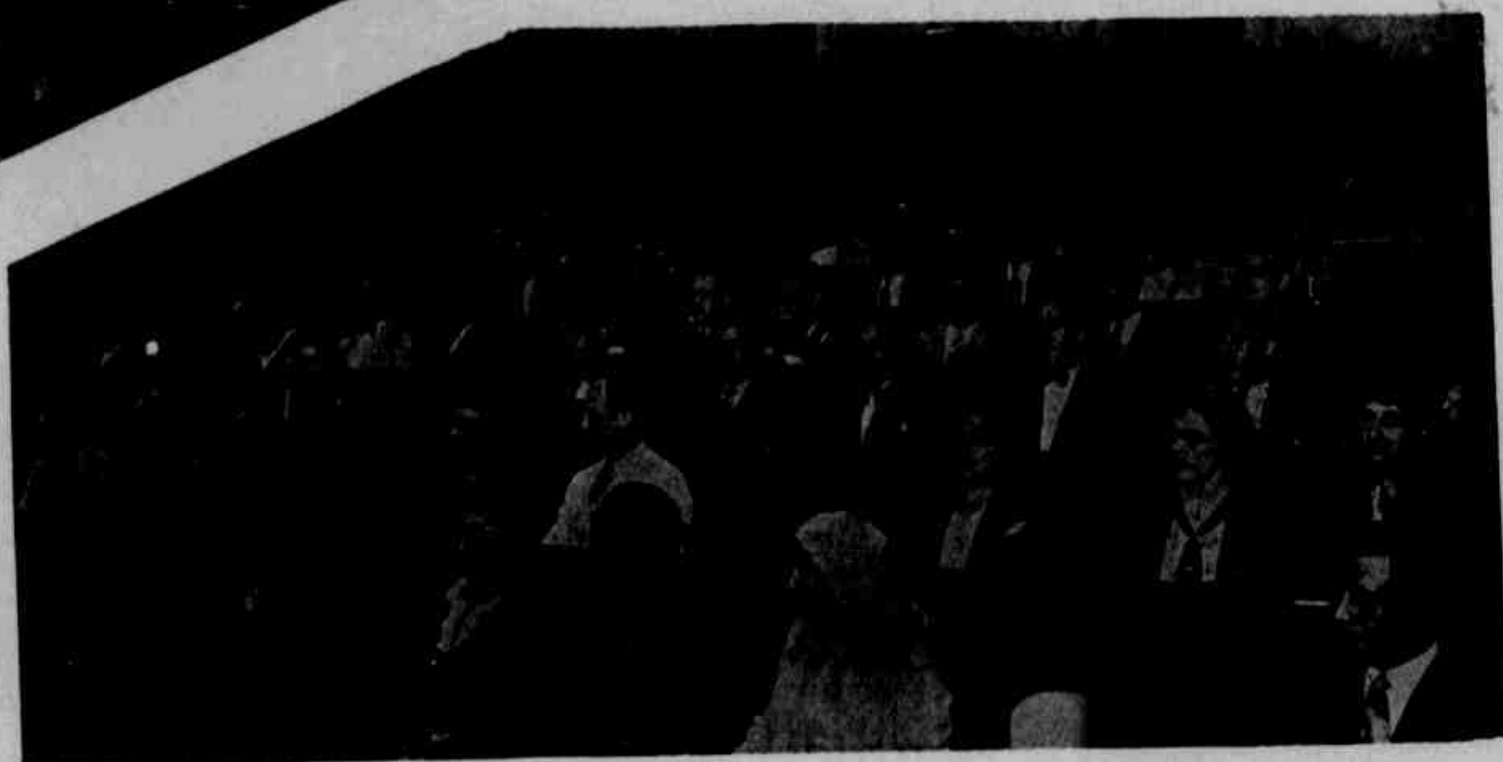
Jandyra Bogado com Ruy Gomes de Almeida (Rio)

CENTRO CEARENSE

Conferencia de Gustavo Barroso

CENTRO FEMININO

Diretoria reunida na séde social

FACULDADE FLUMINENSE DE MEDICINA

No dia da posse do Diretorio Academico. No grupo de cima, entre os estudantes, está o Dr. Manoel Ferreira, diretor da Faculdade. Em baixo, a sala durante a cerimonia da posse do D. A. F. F. M.

ANIVERSARIO

O Dr. Pio Borges entre amigos no dia da sua festa de aniversario.

BODAS DE OURO

O casal Oswaldo Xavier com os seus descendentes no dia das Bodas de Ouro.

AGUAS DA MINHA TERRA

ALTAMIR DE MOURA

As aguas da minha terra
têm a força do Genio
e a beleza virgem da Arte!

Aguas que cantam e sussurram
o segrêdo das matas e das serras;
aguas que têm um cheiro de cipó
e carregam as vozes das cavernas
que ainda estampam nos reconcavos
misteriosos
os corpos geometricos do Passado;
aguas que gritam pelo Progresso
como as de Iguassú;
aguas que apunhalam o mar
e rasgam a terra
como as do Amazonas;
aguas que vivem nas sombras
e têm formas de cabeleiras crêspas;
aguas que passam sob o Sol
e se agitam como os cérebros;
aguas que escurecem
como o crepusculo da Vida;
aguas que enrubecem
como a face das donzelas;
aguas que enverdecem
como a esperança do Amor;
aguas que se cristalizam
como o espirito que alcança a Perfeição!

As aguas da minha terra
parecem a seiva do pensamento
que brinca dentro de mim!

de Elegancia

OUTONO? Inverno? Primavera?

— As três estações misturadas para uma que é esplendida de temperatura e de beleza. Manhãs quasi frias e sol brilhante. O sol que doura tambem as tardes e depois se esconde para que as estrelas voltem a se espalhar pelo céu, luzindo como lamparinas, e a lua venha, por sua vez, ora grande, clareando tudo, ora de meio termo e ora como um traço concavo — a lua do amor, segundo uma lenda turca.

Peda manhã, á tarde, á noite, as praias do Rio de Janeiro sempre frequentadas. Está na moda praticar esportes, nadar ou fingir que o sabe, tomar banhos de sol, exibir "maillots" e pijamas segundo os últimos figurinos, curtos os primeiros — á revelia da polícia — e transparentes os segundos — coisa que a polícia não liga...

Apesar dos pesares vamos tendo uma "season" um tanto movimentada. Os cinemas deram-nos fitas "1931", cada qual com maior reclamo, cada qual a "mais assombrosa e arrojada dos últimos tempos". E foi um prazer ouvir musica vienense, e enredo, na téla do Palace Théâtre, e continuar a ouvi-la por todos os radios do centro e dos arrabaldes, e todas as vitrolas dos arrabaldes e do centro. Depois tivemos as belas roupas da Norma Shearer, numa fita mundana e moderna, rivalizando com os "dessous" e as "toilettes" de Joan Crawford, em "Noivas Ingenuas".

Cregou, por fim, a Marlene Dietrich, rival da Greta Garbo que ahi vem em "Inspiração". Ambas interessantes, a Marlene talvez mais bonita, a outra talvez mais sedutora. Com isso não se tem impressão de crise. Com isso e com a frequencia aos teatros. Funções líricas, revista, comedia. O povo da velha republica não aparece muito. O da nova, em compensação, é visto a recrear o espirito.

Espiando Marlene, em "Marrocos", o ministro José Americo, que escreveu a "A Bagaceira", coisa tão boa que a gente se penaliza de vêr a politica absorver o primoroso escritor. O ministro Collor vai aos teatros; o Interventor Bergamini ouviu o "O Guarany", no João Caetano. O Sr. Francisco de Campos, da Educação, na platéa de um teatro de comedias. Mauricio de Lacerda toma, á tarde, um aperitivo no Belas Artes, sempre muito rodeado; Alaor Prata é visto, tambem á tarde, na cidade, parando a cada momento para pequenas palestras. Oswaldo Aranha passa, de quando em vez, pelos pontos mais animados. E ninguem deixa de dar uma vista dolhos para o gaúcho e o seu inseparavel cigarro.

As moças desta terra tão bem aquinhoada pela natureza lucram com os dias de sol e temperatura doce. Vestem, como a parisiense, trajes apropriados, preferindo o esportivo, e, mui principalmente, as côres claras, maximé o branco que procuram "quebrar" com u mchapéu, luvas e sapatos pretos, com um chapéu, luvas e sapatos pretos, "bolero" verde, com uma "pelerine" amarela forrada de preto, com um "manteau" a três quartos e da côr de morango maduro.

Os vestidos como os casacos genero esporte são os que mais rejuvenes-

cem. Entre, porém, um traje esporte para de manhã e um para de tarde, a diferença vae grande. A' tarde vestimos vestidos de córte simples, mas de pano diferente dos de manhã. Se quisermos frequentar chás e aperitivos com roupa esporte é preciso darlhes um cunho mais "toilette", mais cidade. Assim, m e n o s praia, menos displicencia, o que é gracioso, mas em desacórdo numa sala de chá da Gonçalves Dias ou numa sessão elegante de cinema no bairro dos arranhacéus.

Estamos, entretanto, simplificando as roupas, embora as guarneçamos de córtes e recórtes, de embutidos e de pospontos que dão trabalho. A aparencia é que é da maior singeleza, apesar dos tecidos de luxo.

Os vestidos sempre acompanhados de casaco ou os de genero "tailleur" — em que Perrotta é rabilissimo — concederam á blusa lugar de grande relevancia na costura moderna. São blusas expressamente femininas substituindo os coletes masculinos que nos acompanhavam os costumes ha três anos atrás. Aqui temos duas da lavra de Maggy Rouff: uma, de organdí guarnecida de "jabot" pregueado e renda valenciana; a outra, tambem branca, de musselina bordada á linha de algodão natural. A blusa branca e 'pois" azul de louça é de Jane Blanchot; e a outra junto, aliás vestido, de Goupy, e de "crêpe" de seda marfim.

Contam que a estamparia está cedendo lugar aos b o r d a d o s abertos, no genero inglês, aos tules, ás "laizes". Mas ainda vemos figurinos elegantissimos, de tecido estampado e em seda vegetal, estas aliás na moda e solução em tempos de pouco numerario, porquanto ha seda vegetal otima mesmo aqui fabricada, e colorida por "Indanthren" — colorido que resiste ás lavagens e á ação do tempo.

Os modêlos em estamparia são de Augustabernard, Regny e Iréne Dana, respetivamente.

Os outros figurinos: pijama de praia, de tussor unido e tussor estampado; pijama de "jersey" branco enfeitado de "jersey" vermelho, na blusa; vestido pijama de "sinellic" rosa pastel; vestido pijama de "shantung" natural; pijama de tussor azul, blusa interna de "piqué" branco, colar de bolas de seda escarlate e chapéu de palha azul com "bandeau" escarlate; "bonichon" de fita listrada com bainhas abertas no ponto de Veneza e em "cordonnet"; "coiffant" tambem de fita listrada; grande capeline de organdí branco, pregueado; e duas capelines de organdí estampado e cercadura de fita de veludo preto.

Ernesta von Weber deu, agora, mais um livro — "Bergamini". A escritora, bonita e elegante, com uma nota um tanto bizarra que lhe vai á maravilha, traçou, desta vez, a biografia de Adolfo Bergamini, contando, com a graça que lhe é peculiar e a vivacidade que a distingue, episodios interessantes da vida do conhecido politico carioca. Já em "Figuras da Revolução", vindo a público ha pouco mais de um mês e com edição esgotada, Ernesta Weber escreveu ligeiras impressões sôbre os homens do momento. O livro de hoje é em tôrno de uma só figura. E a autora do "O Brasil que eu vi" está, mais uma vez, de parabens.

A "Casa Judith" — rua do Catete, 212 — tel. 5-3211 — executa, muito em conta, sapatos de todos os feitios em material excelente, copiando figurinos. Calçados prontos ou sob medida para homens e senhoras.

Moveis bonitos e facilidade no pagamento: de Albino Barros & C.

Meias "Sally" — na Casa Machado — Gonçalves Dias.

Nota: "Mado" — a "boîte" de chapéus femininos, junto ao Cinema Capitolio, funciona até 10 da noite.

SORCIÈRE

De tudo um pouco

NOTA CINEMATICA

Marlene Dietrich é, atualmente, a artista de cinema que atrái todas as curiosidades. Na Europa e nas Americas toda a imprensa tem falado na bela artista alemã. Julgam-na uma misteriosa, esquisita "diferente", e outros descobrem que, fóra da camera de trabalho ela é simples, um tanto retraída, inimiga de festas e de reuniões, porquanto não sabe levar um só minuto, como algumas passam horas a fio, a discutir a graça de um bracelete, o penteado moderno, o "rouge" da moda, o sapato mais fino. O seu camarim é quasi tosco, na sua extrema simplicidade, e, quando tem algo a reclamar o faz com a mais absoluta afabilidade, principalmente quando trata com inferiores. Marlene foi excelente pianista, e é assidua frequentadora de cinemas onde aprecia, com entusiasmo, a beleza e a arte dos seus colegas. Trabalha arduamente, é corajosa como todas as pessoas reservadas, e não deixa para amanhã, embora doente, o que o rifão popular recomenda que se faça hoje...

O PESO

Tendo o regime para emagrecer agradado aos leitores desta pagina, e que serve para aumentar o peso dos que o perderam em excesso, obterá, naturalmente, a mesma aceitação. Aliás, quem aquêle receitou e o novo vai descrever é dos mais acatados cientistas dos Estados Unidos. As considerações sobre o regime são tão interessantes como as que aqui figuraram para a diminuição de banhas.

Dizem McCollum e Simmonds no livro "Alimentação e Saude" — tradução do Dr. Arnaldo de Morais:

"Muitos medicos têm comentado o fato de que poucas são as pessoas magras, anemicas, e acusando peso abaixo do normal, por êles examinadas em suas clinicas, que apresentam algum defeito organico. Ha uma multidão dessa classe de "doentes" que não fazem outra cousa senão consultar medicos especialistas á cata de um que lhes diga qual a causa de se não sentirem bem. Por que existirão tantas pessoas de fórmas delicadas, corpo magro, afiladas, cheias de depressões na pele e como os ossos salientes? Por que muitas delas se afastam tanto do tipo ideal da personalidade? Os caricaturistas, para representarem um avarento, um reformador, um neurastenico ou um pessimista, desenham uma criatura magra com um nariz alongado e pontudo e um rosto de expressão dura. O neurastenico e o pessimista, em muitos casos, se são o que são é porque seu metabolismo perdeu o equilibrio".

Logo em seguida êle comenta:

"**Nervos** — As mulheres e os homens com peso abaixo do normal, tornam-se frequentemente escravos de "nervos" transtornados. Enquanto uns procuram culpar os nervos como causadores dos males dessas pessoas, outros inclinam-se a aceitar que, se os "nervos" estão transtornados, é porque algo mais fundamental esta desarranjado. Essa classe de gente é a que se mantém sempre irrequieta, em atividade constante e se mostra excessivamente escrupulosa, e que geralmente trabalha além de sua capacidade, pois sua fôrça é tão limitada. Aborrecem-se com todas as questões e antecipam maus augurios para o que está para acontecer. Estão sempre temerosos pela saude, imaginam o fracasso de seus negocios, assustam-se com o que possa suceder aos amigos e á familia. A maioria sofre de perturbações digestivas, tem receio de comer certos alimentos. Os medicos que tomam a seu cuidado tal classe de pacientes muitas vezes conseguem vencer essa dificuldade unicamente insinuando-lhes que não ha tal perigo, e, uma vez ingerido o alimento, logo se convencem de que estavam equivocados".

Paremos, porém, por hoje, aí. Na proxima vez — **o que é necessario fazer para aumentar o peso** — Peso-gordura, leitores e leitoras. Para homens que precisarem de melhoria de fôrças pela alimentação, e moças que carecem de gordura para boa saude, ou apreciem a nova moda: trocar a silhueta caniço pela suavemente arredondada.

S.

SAL E PRAIA

Bom tempo e proximidades do mar. A moda indica os dois modelos que ilustram êste comentario: o primeiro é de "piqué" branco, pála e cinto de seda rosa, grande chapéu de organdi, saco de "shantung" branco e "pois" de veludo rosa, franja e parte de baixo de seda preta, alça de galalite preta e fêcho de pedra rosa; o outro é de crepe de seda vegetal e cinto de verniz preto. — Ambos para o "grand air", portanto mais faceis de desbotar, o que não se dará se fôrem feitos em pano etiquetado pelo corante **Indanthren.** —

ALMOFADA

Adorno indispensavel ás casas modernas, mobiliadas pelo gôsto atual, ou pela gente de hoje, e ao gôsto antigo. As almofadas de seda ou de algodão, de "reps" ou de linho são, quando armadas com arte, embora simples, encantadoras. A que aqui se vê é de fórma oval, Om, 68 x Om, 41, e tanto pode ser executada em "lingérie" como em seda. Os pontos em cruz do fundo, devem ser combinados em linha de duas côres, uma delas ficando muito bonita em preto. O dragão contornado de "feston", ainda em côr diferente das outras duas. Conforme a escolha da materia de que será feita a almofada é o destino dela.

LIVROS NOVOS

"Na minha rua, a bondade brasileira se mostra sob tantos aspétos que a minha janela parece, ás vezes aberta sôbre a fantasia de um sonho.

Oh! é nas ruas humildes, nas ruas que os cronistas mundanos esquecem de pôr no seu carnet que os estrangeiros aprofundam a indole dos povos...

Formada em medicina, embora não tenha revalidado o meu diploma, muitas vezes pessoas humildes vinham á minha casa em busca de lenitivos.

O nome de doutor é, nos bairros simples, alguma cousa de oracular e de protetor.

Nem sempre os males fisicos transformam a casa do medico na Meca dos sofredores. Qualquer embaraço de ordem domestica arrasta-os á nossa casa. Colegas meus se incumbiam graciosamente de medicar os que me procuravam. Para os males morais, eu me valia dos homens de prestigio do distrito.

Eu me enraizei ao Brasil no pedaço do Brasil em que moro.

Em pouco tempo toda a irrequietude do meu espirito, uma especie de navio sem ancoras, se transformou num desejo de viver as alegrias e as dôres daquela boa gente.

Ali me convenci de que só os povos — e não as terras — fazem sentir o exilio".

Do livro — "Bergamini" — pela Dra. Ernesta von Weber, e no — "O porque dêste livro".

FUTILIDADES

Dois vestidos que aqui figuram, e fôram admiradissimos no pavilhão da "Métropole", na "Exposition Coloniale": organdi azul pastel guarnecido de entremeios de tule pastel e fios de prata. O chapéu "incliné en avant" é contornado por uma grinalda de flôres rosa e azul pastel e, de flôres de cristal rosa e azul, o colar e a bolsa-bouquet. O segundo vestido é de "taffetas" rosa, sáia com enfeites de franzidos do mesmo pano e casaco de veludo preto com mangas de "renard".

Claudio e Rosa Maria, filhos do Coronel João Alberto

Mundo Novo

Nelly, filha do Doutor Quartini Barbosa

Paulo, filho do Doutor Manuel Stephan

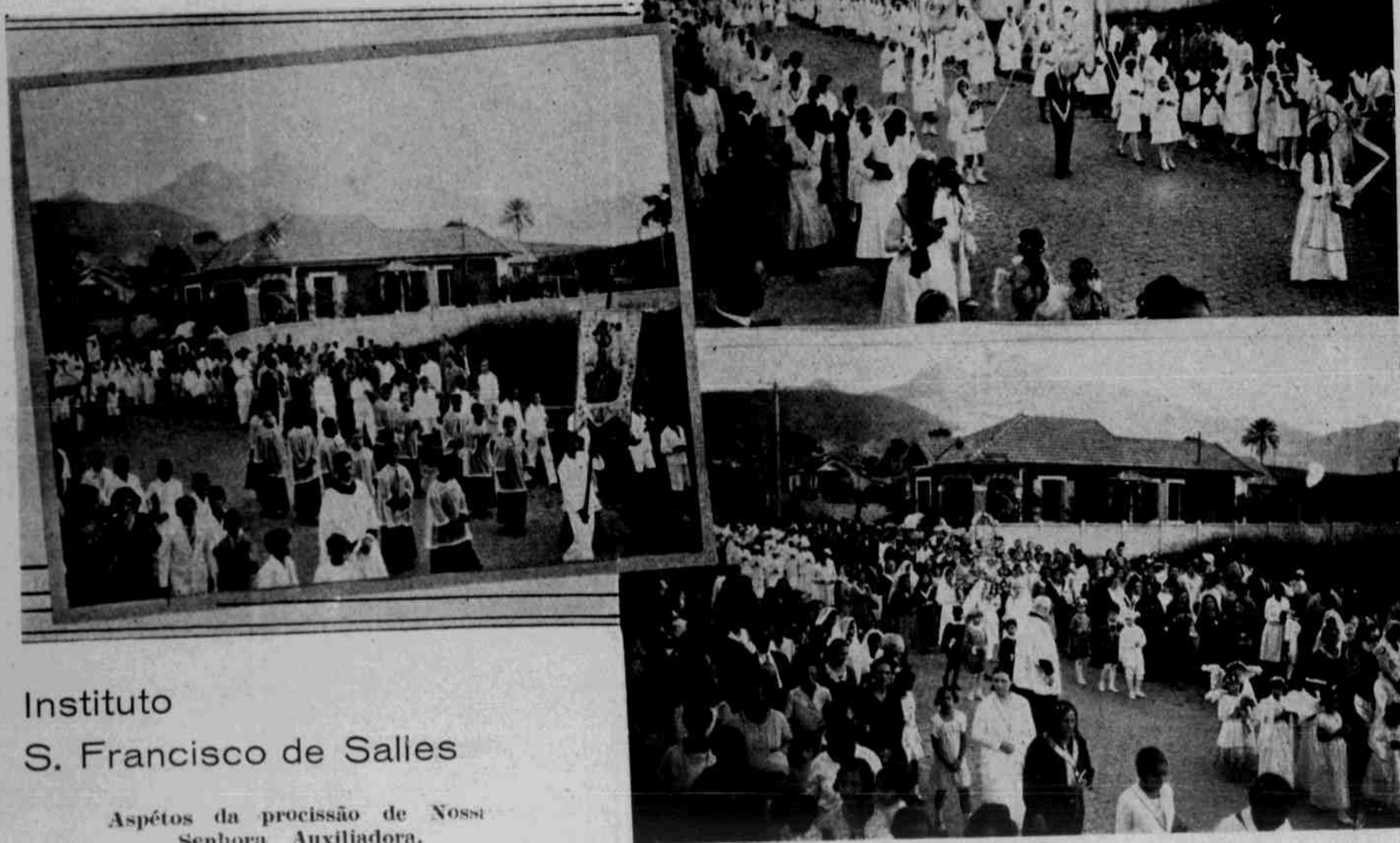
Laura, filha do senhor Aurelio Bandini

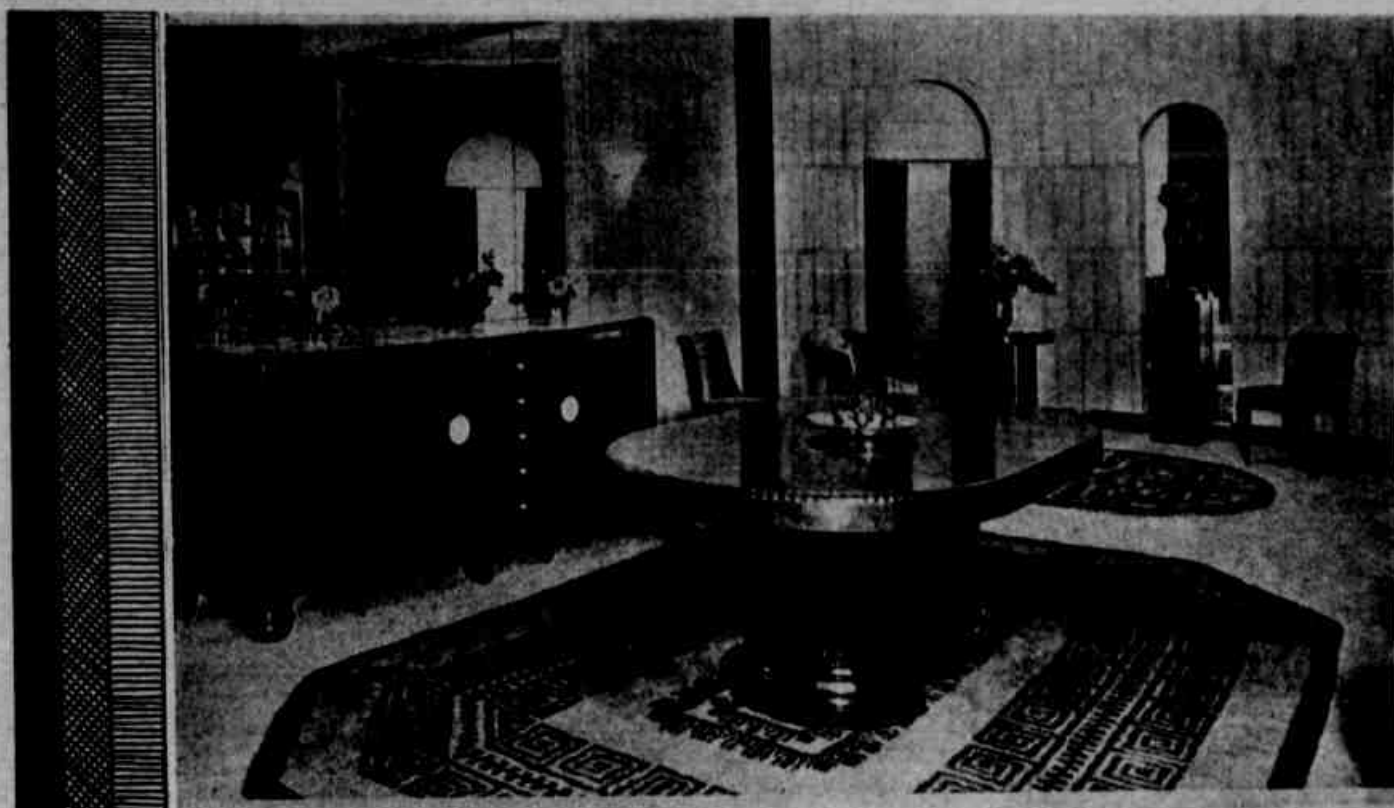
FOTOS PARAMOUNT -- S. PAULO

Baía

Em cima: o Interventor Federal na Baía, Dr. Arthur Neiva, e Prefeito Pimenta da Cunha em visita ao Corpo de Bombeiros. Em baixo: alunas da Escola Normal junto ao monumento de 2 de Julho.

No meio: a torre do Corpo de Bombeiros.

Em cima: recepção no Consulado Americano, no dia da Independencia. Em baixo: autoridades e familias assistindo ao fogo de artificio queimado no antigo Forte de S. Marcello.

Instituto S. Francisco de Salles

Aspétos da procissão de Nossa Senhora Auxiliadora.

Missa em ação de graças, na matriz da Gloria, pela passagem das bodas de ouro do ilustre casal Dr. Lopo de Albuquerque Diniz — D. Alda Portugal de Albuquerque Diniz.

Paginas de guerra

(FIM)

Ranelagh, na Muette, nas portas Dauphine e Maillot, em solidas linhas duplas de entrincheiramentos que deveriam resistir ao impeto do atacante, caso tombassem os baluartes dos fortes exteriores.

E aqui e alí, nos grupos militares e nos grupos femininos, o estribilho de todos os labios era um canto displicente de heroismo, de fatalidade e de espirito militar, a resposta da França aos hunos demolidores e arrogantes que começavam a sangrá-la por todas as veias:

En avant! Tant pis pour qui tombe!
La mort n'est rien. Vive la tombe,
Quand le pays en sort vivant!
En avant!

Milagres, jejuns, comidas e proezas de outrora

(Sonclusão do número anterior)

sezinha desse bairrismo de que o meu confrade Mario Melo fala mal, mas que a gente, queira ou não queira, possue cá dentro e espirra nos momentos azados... O salto da morte encheu um domingo todo, enchendo a alma pernambucana.

Surdira por esta terra hospitaleira, confiante e ingenua, um tal sr. Prescott, de nacionalidade francesa, anunciando um pulo de bicicleta, sensacional, e, na verdade, perigosissimo. Tratava-se de descer em carreira por uma prancha, a alguns metros de altura, dar uma reviravolta nos ares, e alcançar outra taboa, ambas estreitas, proseguindo na carreira até o chão. Prescott fez lá o seu bonito e ganhou dinheiro, inchando o peito de orgulho e as algibeiras de cedulas.

Empavonado, passeava pelo prado pernambucano, onde dera o seu salto, quando lhe rompe de frente um distinto moço pernambucano — Joveniano de Melo — afeito aos esportes, perito no ciclismo, prometendo imitá-lo.

O francês dá uma risadinha parisiense na cara daquêle rapaz brasileiro, do "là bas", e, como indice seguro de dúvida, de pouco caso, oferece um conto de réis a Joviniano se êle conseguir fazer a proeza de que êle se julgava com privilegio made in France. Marca-se a cousa para o outro domingo.

Os jornais noticiam.

Nossa Senhora! Avaliem, vocês que enchem hoje os estadios de futebol, o foi aquêle domingo no Prado! Nem um cantinho nas arquibancadas; cá em baixo povo assim! Pelos sitios em redor gente trepada nos telhados, nas árvores, nos muros. O pernambucano ia se pegar com o francês. Bastava. Que se pegasse o baiano, com o carioca, com o paraense, era o pernambucano. E estariam lá todos, torcendo, torcendo. Bemdito bairrismo!

Joveniano Melo nem parecia. Calmo, disposto, conversador. Dos assistentes muitos receavam pela sua sorte; houve quem o aconselhasse a desistir... Sorria, balançando negativamente com a cabeça. Vestira a sua camiseta e os seus calções de ciclista, trouxera a sua bicicleta. A multidão

ao vê-lo no alto da pracha, emudeceu. Os corações batiam sem freio. A musica parou de tocar.

Dispôs a máquina, examinou-lhe as rodas, segurou o guidon, montou. E desceu, desceu... Ia ganhando velocidade pelo declive da prancha. Lá estava o termino do caminho, o abismo... Precipitou-se, deu o salto, galgou a outra prancha, firme, equilibrado, sereno, continuou a descida.

Já ouviram uma trovoada no sertão? Das violentas, das bôas? Pois o Prado Pernambucano parecia uma dessas trovoadas.

Ninguem se dominava: berros, palmas, risos, exclamações, abraços, lagrimas, até beijos suponho ter havido.

Joveniano teve mais medo do delirio conterraneo do que do salto da morte.

Mas sorria para todos, como se quisesse com todos partilhar seu triunfo.

De repente um grito de alarma:

— Minha gente, lá vai o francês fugindo!

— Pega êle!

— Pega!

E o povo encheu atrás do fujão.

Prescott, ao ver a vitória do pernambucano, quisera arribar com o dinheiro. Coitadinho dêle! Não fosse a intervenção do Dr. José dos Anjos, delegado do 1º distrito, autoridade estimada (não ha de que, meu caro) e o francês teria conhecido o gosto das tabicas da terra. Chamaram-no á fala quanto aos "cobres". Isso era o peor... Engrolou uns "pardon, messieurs...", coçou-se, careteou, resmungou, remexeu os bolsos. E toca a tirar de lá cedulas miudas, pratas daquelas de verdade que corriam na época, niqueis... Deu trabalho a contagem... Arranjou-se um total de 800$000.

— E o resto?

— Demain matin, n'est ce pas? Pardon, pardon messieurs.

Com a promessa de pagar o restante no outro dia, bem cedo, o Prescott viu-se livre, certamente praguejando, baixinho:

— Des sauvages... des sauvages..

Uma passeata levou Joveniano Melo até sua casa.

E, no outro dia, êle distribuia o dinheiro com os pobres.

MARIO SETTE

Grafologia

AVISO

Temos inutilizado inumeras cartas, umas escritas em papel pautado, outras não assinadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assinados em papel liso. O pseudonimo só é permitido para respostas.

MARIA CARLINA (BAÍA) — Amabilidade, franqueza, generosidade, delicadeza e sobretudo emotividade é o que revela a sua grafia logo ao primeiro exame do grafologo. Outros detalhes interessantes, no entanto, revelam determinados cortes e separação de letras. Assim é que a consulente retrata-se uma verdadeira doente do aféto, capaz de todos os martirios para conservar junto de si o objéto de suas preferencias afetivas. Leal por indole, o modo de grafar o S dá-lhe extrema revelação do que é, em muito clara exposição — uma bondade, servida por um egoismo muito desculpavel porque só aparece em se tratando do objéto de suas afeições. A maneira de grafar as iniciais denota orgulho mas em tão pequena dose que se confunde com a sensibilidade propria das pessoas como a consulente. Mas o ardil não lhe falta e, graças a êle, consegue tudo o que quer.

YVONETE (S. Paulo) — Devia ter dito á pessoa que deseja o estudo grafologico que escrevesse em papel sem pauta. Peça-lhe novamente que escreva qualquer cousa em papel assim e envie que será logo atendida.

VIOLETA (Dores da Boa Esperança — Minas) — Espirito de iniciativa, alegria de viver, esperança, como o logar de onde mandou sua carta, ambição, entusiasmo. Junto a tudo isso bondade, alma generosa, franca, decidida, com um pouco de teimosia e terá seu caráter retratado.

MULHER DE TRANSIÇÃO (Rio) — Não tem razão de estar triste, pois não confessa que recebeu pelo "Para todos...", resposta a sua consulta? Queria mais detalhes? Como sabe, a falta de espaço não permite estudos minuciosos, e o numero sempre crescente de consulentes me obriga a ser sintético nas respostas. Mande dizer o que deseja e terei muito prazer em servi-la no que puder.

EU (Joinvile — Sta. Catarina) — Sua letra em linhas descendentes bem denota a preocupação do seu espirito. Mostra alguma energia, força de vontade e individualidade bem definida, principalmente pelo modo de sublinhar seu nome de familia.

Poderá vencer em negocios porque é economico e meticuloso no cumprimento dos seus deveres. Quanto ao fato de mudar de estado, reflita bem antes e só o faça quando conquistar uma segura situação financeira.

A secção de cartomancia para a qual mandou uma consulta, está temporariamente suspensa, conforme me informou o encarregado da mesma.

MELCHIZEDEK II (Rio) — Tenha a bondade de escrever em papel sem pauta e á tinta. A' lapis e sobre papel pautado não pode ser feito um estudo concienciosO da sua grafia.

PRINCEZA DOS DOLLARES (E. Santo) — Ainda estou tambem á espera de que acuse o recebimento do estudo grafologico que mandou pedir. Quer que faça "outro?" E' sinal, então, de que recebeu o primeiro e o achou deficiente, não? Leia o que digo antes á "Mulher de transição" sobre nossa falta de espaço e grande numero de consulentes.

FLOR DO ORIENTE (Porto Alegre) — Caráter ainda em formação, vê-se pela sua grafia indecisa, em que ha, entretanto, alguns indicios de inteligencia, bondade, gentileza, sentimento artistico e amor á natureza. Vê-se ainda um pouco de inconstancia, volubilidade e incoerencia. E' tambem impressionavel e nervosa.

TRISTÃO DE ISOLDA

TONICO PODEROSO
VINOVITA
VINHO DA VIDA
Restaurador
das
forças
physicas
e mentaes
TONICO
VINOVITA
VINHO DA VIDA
RESTAURADOR DAS FORÇAS
PHYSICAS E MENTAES
DA' VIDA AO SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DA' ENERGIA AOS MUSCULOS
HUGO MOLINARI & C.ᵗᵃ Lᵗᵈᵃ